

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



JOEME SANTOS DA SILVA

DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE DA PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

**Asunción - Paraguay
2015**

JOEME SANTOS DA SILVA

DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE DA PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Carlino Ivan Morinigo

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE DA PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

JOEME SANTOS DA SILVA

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Dr. Carlino Ivan Morinigo

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Antar Morel

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Profa. Dra. Susana Barbosa Galvão

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Ismael Fenner Secretario General

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Asunción - Paraguay
2015

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos”

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, principalmente meu esposo e filha, presença constante em todos os momentos, incentivando para que não desistisse no meio do caminho.

Aos professores do curso e especialmente ao coordenador Mauricio Santana.

E a todos os companheiros do percurso, minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa discute a importância da relação família/escola para o desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo do educando. Aqui foram trabalhados alguns conceitos de família, buscando-se focar seu papel como primeiro sistema cognitivo do indivíduo e o poder de sua influência em toda vida do ser humano. Trabalhou-se também a historicização da escola, sua importância e sua função como co-participante no processo de educação, buscando enfatizar a função da mesma, seus entraves e percalços e os principais desafios encontrados atualmente frente a inversão de papéis que ocorre com a família na educação do indivíduo. O papel do professor é evidenciado e discute-se aqui o papel solitário que esse mantém na escola quando a família se abstém de participar do processo de escolarização. Aborda-se aqui alguns conceitos de comunidade e levanta-se a importância dessa enquanto participe do projeto de educação, principalmente na educação do campo. Faz-se uma rápida abordagem das premissas da educação no campo e do desafio e resistência das classes multisseriadas frente a diversidade que ora se impõe na escola. A busca da relação dialógica entre família e escola colocadas dentro de uma comunidade é a tônica desse trabalho, para isso são evidenciados aspectos como as dificuldades que os pais e responsáveis teriam para manter uma maior e melhor participação, tais como, sentimento de menos valia, analfabetismo, falta de interesse e de tempo entre outros. Até que ponto essas situações existem realmente ou o que existe é uma desarticulação entre família e escola que inviabiliza uma educação satisfatória e emancipadora. Tendo como referência as vivências acumuladas enquanto educadora do campo há mais de 20 anos, busco aqui através de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, avaliar o processo de envolvimento dos pais e responsáveis em uma escola específica, atentando para as respostas prestadas em um questionário estruturado mas também atenta ao que não foi dito, ao que está subentendido, as ausências e lacunas na participação e envolvimento, para tanto o método de análise de conteúdo é utilizado como forma de buscar o entendimento das questões que ficam nas entrelinhas e nas atitudes veladas, observadas em reuniões e no contato habitual. Assim esse trabalho foi estruturado em uma introdução, um capítulo inicial abordados conceitos e históricos de família e escola, um segundo capítulo que aborda a possibilidade e viabilidade do trabalho conjunto, ressaltando todos os aspectos promotores e viabilizadores dessa relação e um terceiro capítulo que traz uma retrospectiva de minha trajetória enquanto educadora e que me trouxe até esse tema além dos aspectos metodológicos da pesquisa. De modo geral concluiu-se aqui que os pais valorizam a educação, aprovam o trabalho desenvolvido na escola e, apesar da baixa escolaridade da maioria, sentem-se participantes e coesos com a escola, ainda que admitam não ter conhecimentos de aspectos práticos do cotidiano da escola e tenham consciência e ressaltem aspectos que precisam ser melhorados para possibilitar o progresso e sucesso não só do aluno, mas de toda a comunidade.

Palavras-Chave: Família, Escola, Educação no Campo, Multisseriadas, Comunidade.

ABSTRACT

This research discusses the importance of family relationship / school to develop cognitive and affective partner of the student. Here we were worked some family concepts, seeking to focus on his role as the first cognitive system of the individual and the power of his influence throughout human life. Also worked to school historicizing, their importance to and their role as co-participant in the education process, seeking to emphasize its function, its obstacles and mishaps and major challenges currently found in front of role reversal that occurs with family in the individual's education. The teacher's role is evidenced and it discusses the lone role it holds in school when the family refrains from participating in the schooling process. Here we discuss some concepts of community and raises the importance of education as participate in the project, especially in the education of campo. Faz a rapid approach to education premises in the field and the challenge and resistance of multigrade classes the front diversity that is now imposed on the school. The pursuit of dialogical relationship between family and placed school within a community is the keynote of this work, for this are highlighted aspects such as the difficulties that parents and guardians would have to hold more and better participation, such as feelings of worthlessness, illiteracy, lack of interest and time among others. To what extent these situations actually exist or that there is a disconnect between family and school which prevents a satisfactory and emancipatory education. With reference to the accumulated experiences as educator of the field for over 20 years, we seek here through a participatory research with qualitative approach, assessing the process of involving parents and carers in a specific school, paying attention to the answers provided in a structured questionnaire but also attentive to what was not said, it is implied, absences and gaps in participation and involvement, for both the content analysis method is used in order to seek the understanding of the issues that are between the lines and in veiled attitudes, observed in meetings and regular contact. So this work was divided into an introduction, an initial concepts covered and historical Family and school chapter, a second chapter that discusses the possibility and feasibility of joint work, emphasizing all promoters and enablers aspects of this relationship and a third chapter that brings a retrospective of my career as an educator and that brought me to this subject beyond the methodological aspects of research. Overall it was concluded here that parents value education, approve the work at school and, despite the low level of education of the majority, feel participants and cohesive with the school, even though they admit not having knowledge of practical aspects of daily life school and have awareness and underscore aspects which need to be improved to facilitate the progress and success not only the student but the entire community.

Keywords: Family, School Education in the Countryside, Multiseriated, Community.

LISTA DE SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB- Lei de Diretrizes e Bases Nacional

MEC- Ministério da Educação e Cultura

LISTA DE GRÁFICOS

Tabela 1 Escolaridade.....	49
Tabela 2- Área de atuação Profissional.....	50
Tabela 3- Tempo de Trabalho no setor.....	50
Tabela 4 – Importância da escola para a própria vida.....	50
Tabela 5- Importância da escola para a criança.....	51
Tabela 6- Qualidade do ensino na zona rural.....	51
Tabela 7- Relação com o professor/escola.....	53
Tabela 8- Aprendizado do aluno.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CAP I FAMILIA E ESCOLA ENTRE CONCEITOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES.....	14
1.1 Família enquanto sistema cognitivo.....	17
1.2 Escola: do Conceito à História.....	20
2 CAP II FAMILIA E ESCOLA RELAÇÃO POSSÍVEL E VIÁVEL.....	25
2.1. A busca de uma relação dialógica.....	25
2.2. O caso das multisseriadas.....	31
2.3. O lugar do professor.....	35
2.4. Família e escola, uma relação de comunidade.....	39
2.4.1. As diversas concepções de comunidade.....	40
3. CAP III O PERCURSO DA PESQUISA.....	44
3.1. Um breve relato da trajetória profissional e pessoal.....	44
3.2. Conceituando a Metodologia.....	46
3.3 O universo da pesquisa.....	47
3.4 O sujeito da pesquisa.....	47
3.5 Instrumentos da coleta.....	48
3.6 Análise dos dados.....	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERENCIAS.....	62
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

Quando se fala em formação e educação do ser humano, habitualmente duas palavras vêm à mente: família e escola. Isso é localizado historicamente, pois nem sempre aconteceu assim. Houve épocas em que a responsabilidade por essa formação alternava em ênfase entre as duas e mesmo épocas em que uma era tida como bastante distinta da outra. No momento atual a parceria entre as duas tem sido a tônica dos discursos em prol de uma educação com vistas a autonomização do ser humano.

Boa parte do trabalho do professor é viabilizada quando o estudante já vem para a escola predisposto para o estudo e quando, em casa, ele dispõe da companhia de alguém que o estimule a esforçar-se ao máximo para aprender. No entanto, o ato de produzir é valia tanto para o aluno, quanto para o professor, e, a necessidade de fazê-lo requer o reconhecimento daquilo que de fato se deseja construir no futuro. Sendo assim, não é preciso pensar em grandes eventos para compreender onde e como se dá a formação inicial do indivíduo e a posterior escolarização, e, em que medida a escola produz e reproduz os sujeitos nas suas diversidades e desigualdades.

Nesse sentido, através da reflexão individual e visando o coletivo aceitamos ou renegamos a produção/reprodução de quaisquer influências danosas à liberdade. Por tudo isso, professores, devem estar atentos para ser capazes de perceber “os duplos”, já que a dicotomia entre discurso e prática é a negação de qualquer possibilidade educativa eficaz. Para se entender o papel de cada uma, busca-se aqui uma explicação etimológica do que seja família e escola, para adentrar na pesquisa propriamente dita. Família é um dos temas mais atuais e mais controvertidos da moderna ciência social, como instituição em possível decadência ou desagregação, sendo tema de debates para se saber até que ponto a sociedade moderna está contribuindo para a dissolução da família, e sendo para os educadores, em geral, de maior importância que se leve a fundo esse debate.

Assim, pode-se dizer que a noção de família surge a partir de um momento na história em que determinadas condições culturais, as quais incluem fatores políticos e econômicos, vem respondendo, tanto em sua estrutura quanto em seu funcionamento, às condições do meio que a contém. Sendo assim, percebe-se que não se pode falar

em família em termos absolutos, e sim com limitado valor operacionais, ou de acordo com Toscano. “(...) a um tipo específico de instituição social que pode ser definida como a associação mais ou menos permanentemente de marido e mulher, com ou sem filhos”. TOSCANO, (2002, p. 104). Esta vinha sendo modelo ideal de família tradicional da sociedade ocidental do século XIX.

A multiplicidade “ser família”, hoje, cria um hiato na geração que aprendeu o ser família de acordo com determinadas características e sua concretização na prática. Talvez só a geração dos filhos saberá desenvolver a maneira de denominar tal realidade. A herança cultural influencia o modo de educação imposta de família à família, ou seja, aquilo que a criança herda de um meio cultivado não é somente uma cultura (no sentido objetivo), mas um certo estilo de relação com a formação familiar que provém precisamente do modo como estão sendo a “família” atualmente e como está sendo atribuída a essa mesma criança a aquisição de cultura e valores.

Entende-se por família o conjunto, ou grupo de pessoas que possuem grau de parentesco, laço consanguíneo, entre si e vivem na mesma casa formando um lar. A disposição para laço consanguíneo modifica em casos de adoção que dispõe um laço afetivo, moral e legal entre os partícipes. Assim, uma família tradicional é aquela normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar. Por ser o primeiro local de contato do indivíduo como o mundo, a família é a instituição responsável por propiciar a educação dos filhos e moldar ar o comportamento desses na sociedade. Seu papel de promotora e formadora de valores são a base daquilo que o indivíduo se tornará socialmente, psicologicamente e moralmente falando, e também como reprodutor das tradições e os costumes, ou seja, da história dessa mesma família.

A primeira função da família que é de criar e proteger o indivíduo pressupõe que o ambiente familiar é o local onde deve existir harmonia, afetos, proteção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. As relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam a unidade familiar.

Mesmo diante, das transformações tecnológicas, sociais e econômicas favorecem as mudanças na estrutura, organização e padrões familiares e, também, nas expectativas e papéis de seus membros, suas funções básicas continuam as mesmas. E a constituição e a estrutura familiar, por sua vez, afetam diretamente a elaboração do conhecimento e as formas de interação no cotidiano das famílias.

Portanto, ela é a principal responsável por incorporar as transformações sociais e intergeracionais ocorridas ao longo do tempo, com os pais exercendo um papel preponderante na construção da pessoa, de sua personalidade e de sua inserção no mundo social e do trabalho (TÁVORA, 2003).

Atualmente mais que nunca é necessário que a família seja parceira nesse processo que é a educação. A escola não pode estar sozinha nessa produção. A escola é parte da sociedade. Ela expressa e reproduz o cotidiano e as ideias da comunidade em que está inserida. Torna-se cada vez mais necessária uma aproximação entre a escola e a comunidade, de criar um canal de comunicação entre o que se passa dentro da escola, isto é, entre a produção de conhecimento escolar e a sociedade como um todo.

O sinal de igual ligando a palavra Comunidade e Escola tenta mostrar a igualdade de interesses que deve haver entre a Escola e a Comunidade. O sinal de igual colocado verticalmente mostra que a formação do educando só poderá ser feita desde o seu início (1ª. Série do ensino fundamental) até seu final, com auxílio da comunidade na Escola. (PARO, 1995, p. 335).

Sem desconsiderar a importância de tais processos, é preciso focalizar movimentos mais amplos que buscam transformar as formas de ser e de atuar da instituição escolar, convertendo a escola em comunidades de aprendizagem, ou movimentos que tentam conectar a escola às redes sociais e aos itinerários educativos que estão no seu entorno no espaço urbano da construção da cidade educadora.

Tendo origem em experiências norte-americanas e espanholas, na década de 80 do século XX, a proposta de comunidade de aprendizagem implica sair da perspectiva isolada que caracteriza a escola para a construção de uma comunidade na qual, além dos professores e especialistas, os próprios alunos, os pais e os demais membros da comunidade tomem parte ativa nas decisões e nos projetos que definem, planejam, avaliam, acompanham as trajetórias educativas que os alunos percorrem em seus anos de vida escolar.

Considerando esses aspectos torna-se objetivo primordial nesse trabalho discutir a influência da participação e parceria da família no ambiente escolar na educação rural, tendo como aspectos secundários ou objetivos específicos historicizar família e escola, contextualizar a gênese da parceira família/escola, detectar os principais entraves para a realização do trabalho escolar no campo e Identificar o perfil

dos pais e responsáveis da escola referenciada e suas dificuldades em envolvimento com a escola.

Tudo isso é considerado tendo em vista a questão que perpassa o rendimento escolar, assim temos enquanto problema em foco investigar se o baixo nível de escolaridade dos pais e responsáveis da zona rural é fator de empecilho para um maior envolvimento com a escola e melhor acompanhamento dos filhos, pois supõe-se aqui que o desinteresse e falta de participação dos pais de alunos da zona rural com a escolarização dos filhos são devidas à sua falta de escolarização e que uma certa apatia dos pais em relação à escolarização na zona rural ocasionada pela desvalorização dessa modalidade de ensino (multisseriadas). Considera-se assim que o acompanhamento e a participação da família (ainda quando analfabeta) é relevante para o sucesso da educação dos alunos de multisseriadas.

Entende-se assim que “educar” é acima de tudo um processo do qual somos agentes e sujeitos, pois ao mesmo tempo em que , exercemos uma ação sobre os jovens, também estamos num processo de transformação, de crescimento, vivenciando mudanças dos usos e costumes de nossa sociedade .E com isso se entende também que realmente precisa-se é de políticas públicas educacionais, no sentido de promover uma efetiva participação dos pais na escola e o preparo de profissionais ,(coordenadores e professores)que atuem mais efetivamente na área familiar, formando e informando os pais sobre a importância de acompanhar seus filhos, valorizando o saber individual e prol de um crescimento coletivo.

Nesse sentido, essa discussão se faz necessária, visto que as comunidades rurais já prejudicadas frente às dificuldades de ordem técnica e material, ainda sofrem com esse distanciamento existente entre família e escola que certamente afetam o processo de escolarização e educação integral do aluno, precisam ser vistas em seus problemas e dificuldades. É preciso que haja um olhar diferenciado para essas relações no campo que suprimidas, acabam marcando definitivamente o futuro da sociedade. Entender porque ocorre esse distanciamento e lançar sementes para uma reflexão apropriada sobre a temática é a intenção dessa pesquisa.

CAPÍTULO I FAMÍLIA E ESCOLA ENTRE CONCEITOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES.

Existem definições várias para o conceito de família. Na Biologia é uma categoria da classificação sistemática que fica entre o gênero e a ordem. Além da tradicional estrutura familiar denominada nuclear ou elementar, as transformações sociais e culturais, proporcionaram a existências de diferentes estruturas familiares alguns tipos mais comuns são:

Família monoparental: composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe.
Família comunitária: nesta estrutura, todos os membros adultos que constituem o agregado familiar são responsáveis pela educação da criança. Ex : comunidades indígenas.

Família homossexual: constituída por um casal homossexual (ou pessoa sozinha homossexual) com filhos adotados

Família contemporânea: é caracterizada pela inversão dos papéis do homem e da mulher na estrutura familiar passando a ser a mulher a chefe de família. Abrange a família monoparental, constituída por mãe solteira ou divorciada.

Entre os familiares, é possível identificar dois graus de proximidade: a família nuclear e família extensa. A família nuclear normalmente é composta pelos pais e irmãos, enquanto a família extensa é composta por avós, tios, primos, etc. No entanto, este conceito é flexível, já que muitas vezes os avós (ou outros parentes) podem morar na mesma casa e por isso são considerados como família nuclear. Em outros casos, um ou os dois pais podem não estar presentes por algum motivo, não fazendo parte da família nuclear.

Seja qual for a aceção e ou crença a família representa o primeiro espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando. Sua dinâmica é própria. Ela é um dos principais contextos de socialização dos indivíduos e, portanto, possui um papel fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, que por sua vez é um processo em constante transformação, sendo multideterminado por fatores do próprio indivíduo e

por aspectos mais amplos do contexto social no qual estão inseridos (Dessen & Braz, 2005).

Para Prado, D. (1981,p. 122) :

Família, são pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente pai, mãe e filhos. Ou ainda pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estipe ou admitidas por adoção. (...) família é uma instituição social, variando através da historia e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar conforme o grupo social que esteja sendo observado. Pois ela não é só um tecido fundamental de relações, mas também um conjunto de papéis socialmente definidos.(Prado, 1981p. 122).

Determinados conceitos de e sobre a família são bastante interessantes, ela pode ser considerada enquanto conceito de rede: uma teia de aranha, onde os fios se entrelaçam, interligam diversas áreas e formam uma rede simples. Pode ser comparada ao funcionamento da rede de internet onde os milhões de pessoas em todo o mundo que se comunicam pela Internet, cruzam incontáveis informações entre si continuamente sem que se vejam ou se falem, formam um sistema de rede complexo(network).

A estrutura da rede também foi descrita no início do século XX por Moreno (1966) que falava de correntes de natureza sexual, racial e social regidas por determinadas leis e que fluem continuamente em um "leito permanente" - a estrutura grupal - carreando informações. São as redes psicossociais: correntes psicológicas geradas pelos seres humanos, que delas participam.

Segundo cientistas este é o padrão de organização que pode ser identificado em todos os sistemas vivos: o padrão de rede. As redes determinam suas próprias fronteiras, retroalimentam-se continuamente, produzem seus componentes a se auto organizam. São sistemas fechados e abertos: fechados em relação a si mesmos e abertos em relação às trocas de energia e matéria com o meio, mas não organizados por ele. Assim, a família é um subsistema social que funciona como o mais conservador dentre os sistemas de relações. É um microssistema que apresenta características e comportamento semelhantes aos dos sistemas vivos e os mesmos critérios e motivações podem ser aplicadas a ele. De acordo com Capra (1996) o funcionamento do sistema familiar sob esta ótica obedece a três critérios fundamentais que estão estreitamente relacionados e entrelaçados de tal maneira que se torna difícil definir cada um separadamente. Na verdade, são aspectos de um todo e o definem:

1º Padrão de organização, que é a configuração das relações entre os componentes do sistema.

2º Estrutura: o sistema, através da organização dos seus elementos e da composição química, resulta numa forma peculiar àquele padrão de organização, que é sua estrutura.

3º Processo vital, que consiste na atividade incessante da incorporação do padrão de organização; é o processo em si. Assim, a família parece funcionar como um organismo vivo e as leis da vida podem ser aplicadas a ela. A ordem e o comportamento do sistema não são determinados pelo meio, mas pelo próprio sistema. Como os demais sistemas, para Capra (1996) este também é regido por leis:

- A família sofre influência do meio. Desde as situações mais simples, como entrada e saída de novos membros, até grandes acontecimentos nacionais e mundiais, como crises políticas, sócio-econômicas e guerras, todas as mudanças externas implicam em mudanças internas, uma vez que geram impacto no grupo familiar, em diferentes graus.
- A família tem objetivos a atingir. O principal objetivo e o mais inconsciente é garantir sua perpetuação, o que significa lutar pela existência.
- A família possui energia própria que direciona seus movimentos e consiste nas motivações que impulsionam o grupo para este ou aquele destino e está além de cada indivíduo.
- O grupo familiar organiza-se de forma a atingir seus objetivos e ao mesmo tempo é controlado por eles. (CAPRA, 1996.p.86)

Assim, cada família se organiza do seu jeito e desenvolve sua própria dinâmica de distribuição dos papéis necessários ao desenvolvimento do comportamento dos seus membros. Pode-se considerar que o grupo familiar está submetido às mesmas leis que regem os sistemas de rede. Assim como nos demais fenômenos biológicos, poderíamos dizer que do ponto de vista do padrão de organização a família é uma rede autogeradora: produz seus próprios membros e desenvolve seus próprios códigos, ritos, regras e segredos.

Do ponto de vista da estrutura, na Física, a família seria como uma estrutura dissipativa, isto é, um sistema aberto que está sempre distante do verdadeiro equilíbrio, mas que também é um sistema fechado quando o observamos sob a ótica do padrão de organiza. Por exemplo, quando um membro da família contrai matrimônio, a outra pessoa passa a fazer parte do grupo familiar (sistema aberto) e sua entrada modifica a estrutura da família. Contudo, o novo membro não poderá determinar quais serão as obrigações dos outros membros da família. Dificilmente alguém de fora do grupo pode determinar a organização dos papéis dentro da família (sistema fechado).

Para Maldonado (2003,p.153), a família na maioria das vezes é composta pelos pais biológicos, avós, tios, primos e às vezes irmãos. No entanto podem-se encontrar famílias compostas de outras maneiras: a mãe é solteira e o pai não está presente ou o casal se separa. Em muitas dessas situações, ainda que adversas o amor e a harmonia das famílias não é comprometido, mas isso não é regra geral.

Porém na maioria dos casos , quando um dos membros deixa de exercer seu papel ou exerce seu papel precariamente, pode-se dizer que ela começou a perder sua funcionalidade. Assim, aquele sistema que funcionava como um todo em harmonia passa a ser desequilibrado. Por ser a família o primeiro grupo com o qual a pessoa convive, seus membros são exemplos para a vida. E se falando em exemplos, esses podem ter influências tanto positivas quanto negativas na vida do indivíduo, deixando-lhes marcas por vezes irrecuperáveis.

No que diz respeito à educação, se essas pessoas demonstrarem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula e reforçarem a importância do que está sendo aprendido, estarão dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem. Porém quando o quadro complexo e por vezes caótico em que famílias e escolas se encontram entram no cotidiano da sala de aula, resta ao professor, mediador imediato dessas relações buscar formas de tentar superar todas essas dificuldades sob pena de inviabilizar todo o processo educativo.

1.1. Família enquanto sistema cognitivo.

Do ponto de vista do processo, o sistema familiar é um sistema cognitivo. (ANDRADE,2012). Por sistema cognitivo compreende-se um padrão específico de relações que resulta na autoconsciência, que na família podemos chamar consciência de clã ou ainda co-inconsciente familiar.

Na teoria Piagetiana o desenvolvimento das estruturas cognitivas é assegurado somente quando a criança assimila e acomoda os estímulos do ambiente. Isto só pode acontecer quando os sentidos da criança entram em contato com o meio ambiente. Para este teórico, quando a criança está agindo no meio, movimentando-se no espaço, manipulando objetos, observando com os olhos e ouvidos ou pensando, ela está obtendo dados brutos para serem assimilados e acomodados. Estas ações resultam no desenvolvimento de esquemas.

Para Piaget (1975) todo conhecimento é uma construção resultante das ações da criança de acordo com ele há três tipos de conhecimento, o conhecimento físico das propriedades físicas de objetos e eventos como tamanho, forma, textura peso e outras no qual a criança adquire conhecimento físico sobre o objeto agindo sobre ele com seus sentidos. O conhecimento lógico matemático construído a partir do pensar sobre as experiências com os objetos e o conhecimento social que é construído pela criança a partir de suas interações com outras pessoas. Os esquemas e as estruturas da inteligência estão em constante movimento uma vez que a criança agindo espontaneamente sobre o seu meio, assimila e acomoda a um crescente arranjo de estímulos presentes.

Assim, junto ao desenvolvimento cognitivo está o afetivo, incluindo sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual podendo acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. O aspecto afetivo se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou a inteligência percebe-se, por exemplo, que os aspectos morais das crianças, uns aspectos da vida afetiva são construídos do mesmo modo como os conceitos cognitivos. Paralelo ao desenvolvimento dos aspectos cognitivos se há um desenvolvimento da afetividade. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que simulam as experiências das estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento. Assim, o afetivo é responsável pela dinamização da atividade mental e pela seleção dos objetos ou eventos sobre os quais quer agir.

O desenvolvimento mental é um aspecto que começa no dia em que a criança nasce. O comportamento sensório-motor, já desde o nascimento é o aspecto mais primitivos do desenvolvimento intelectual. Assim percebe-se que as estruturas de inteligência e sentimentos começam a se desenvolver logo na infância. E quem está perto acompanhando? A família.

O bebê ao nascer apresenta apenas comportamentos reflexivos simples, dois anos após está praticamente começando a falar já apresenta operações intelectuais. No nascimento e no primeiro mês de vida o afeto é visto apenas como uma atividade reflexa indiferenciada. Porém os sentimentos afetivos emergem no decorrer do desenvolvimento sensório-motor já podendo observá-los desempenhando um papel na seleção das ações infantis. As crianças parecem viver em uma cultura à parte da dos adultos. É uma cultura dentro da outra, sendo que uma interfere na outra. Adulto

e criança estão em contato com a cultura do outro e participam dela também. Dessa forma, aos poucos a criança aprende a fazer parte da cultura do adulto e sem perceber passa a compartilhar com a cultura dele. Isso acontece porque, de acordo com (HANSEN,2007), a criança é um ser biologicamente cultural, ou seja, possui uma tendência inata para a cultura e é por meio dela que se constitui enquanto ser humano.

Assim entende-se que a criança já traz um mundo para a escola, ela é um pequeno mundo com informações e que ao interagir com outros mundos diferentes ou similares vai se produzindo. Portanto, muito embora o ser humano, ao nascer, seja extremamente dependente de seus pais, ele já nasce com algumas capacidades, como a de inibir estímulos desagradáveis, tolerar frustrações. Assim, ele vai atuando no ambiente e reivindicando a satisfação de suas necessidades, de acordo com temperamento e ritmo próprios.

As primeiras trocas afetivas mãe/filho, os cuidados básicos oferecidos e as ações e reações entre criança e meio ambiente vão moldando o seu comportamento e essas vivências, quer sejam elas positivas ou negativas, serão posteriormente transferidas ao meio social mais amplo, permitindo ou não a sua adaptação.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família).

De acordo com Ackerman (1974), "família é a unidade básica de desenvolvimento e experiência, realização e fracasso, saúde e enfermidade". Assim todo o repertório de sucesso ou infelicidade que o indivíduo traz está situado na sua origem familiar. É o lugar onde o indivíduo precisa da estabilidade que lhe garanta o treinamento seguro para a vida e as crianças possam aprender os pressupostos de humanidade e de afetividade a formar sua personalidade e, a desenvolver sua autoimagem e a relacionar-se com a sociedade mais ampla e criativamente.

Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e

interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa. CAMPOS & FRANCISCHINI, 2003).

Essas conceituações refletem a grande importância que a família adquiriu neste século, como a primeira célula social da qual fazemos parte e que será responsável pela formação individual e social. Pode-se considerar a família como um sistema bastante complexo, e segundo Ackerman (1974) exerce influência em sete áreas básicas: Econômica, Doméstica, Recreação, Socialização, Auto identidade, Afeição, Educacional/Vocacional. Ou seja, em nenhum aspecto o ser humano pode fugir da necessidade e influência da família em sua formação.

A família em qualquer sociedade é o primeiro lugar de socialização do indivíduo, onde ele aprende comportamentos, regras, sistemas de valores, concepção de mundo. A família é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo e age sobre ele por meio de uma fortíssima ação ideológica." (TOSCANO, 2002, p.32).

Trazendo isso para a questão da escola, entende-se que alguma mudança será possível diante de uma postura positiva da instituição com relação aos usuários, em especial com os pais e responsáveis pelos estudantes, oferecendo ocasiões de diálogo, de convivência verdadeiramente humana, em suma, de participação na vida da escola. Levar o aluno a querer aprender implica um acordo tanto com educandos, fazendo-os sujeitos, quanto com seus pais, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes quão importante é sua participação e fazendo uma escola pública de acordo com seus interesses de cidadãos. (PARO, 1995, p.96).

1.2 Escola: do Conceito à História

A escola é uma instituição concebida para o ensino de alunos sob a direção de professores. A maioria dos países tem sistemas formais de educação, que geralmente são obrigatórios. Nestes sistemas, os estudantes progredem através de uma série de níveis escolares e sucessivos. Os nomes para esses níveis nas escolas variam por país, mas geralmente incluem o ensino fundamental (ensino básico) para crianças e

o ensino médio (ensino secundário) para os adolescentes que concluíram o fundamental. Uma instituição onde o ensino superior é ensinado, é comumente chamada de faculdade ou universidade. Além destas, os alunos também podem frequentar outras instituições escolares, antes e depois do ensino fundamental.

A pré-escola fornece uma escolaridade básica para as crianças mais jovens. As profissionalizantes, faculdades ou seminários podem estar disponíveis antes, durante ou depois do ensino médio. A escola também pode ser dedicada a um campo particular, como uma escola de economia ou de música, por exemplo. Há também escolas particulares, que podem ser exclusivas para crianças com necessidades especiais, quando o governo não as fornecer, tais como escolas religiosas, ou as que possuem um padrão mais elevado de qualidade de ensino, ou buscam fomentar outras realizações pessoais. Escolas para adultos incluem instituições de alfabetização, de treinamento corporativo, militar e escolas de negócios.

Na Antiguidade, a criança recebia aulas de um pedagogo em sua residência. Sendo assim, entrava em contato com a educação em seu sentido mais amplo, voltada para o ensinamento de valores e condutas sociais básicas. Essa mesma criança frequentava a escola para aprender habilidades instrumentais básicas, a saber: ler, escrever e calcular. Portanto, o ensino foi dividido em educação e instrução.

A escola surgiu nas civilizações da Mesopotâmia e do Egito e desde a sua origem ela foi um estabelecimento restrito as elites. Esse quadro sofreu alterações no século XVIII com o Iluminismo, movimento que revolucionou a história com alguns pressupostos entre eles a defesa do ideal de escolarização para todos. Com o iluminismo a escola passou a exercer mais a função de instrução do que educação e no decorrer do século XIX e XX, o ensino já passava a ser obrigatório na maioria dos países.

Dessa forma, a escola passou a receber mais estudantes, todavia, ela, de um modo geral, não estava preparada para essas mutações. A escola que sempre foi uma instituição elitista não poderia transforma-se rapidamente e sem a devida preparação numa escola acessível às grandes demandas de população e tampouco seria democrática. Assim, desde a sua origem, a escola em seu ideal de encontro, partilha de conhecimento e de igualdade foi lugar de problemas que a acompanham desde sempre, tais como: evasão escolar, dificuldades de aprendizagem e outros problemas relacionados à expansão do ensino.

No decorrer do seu processo histórico a escola passou a acumular várias funções sociais. Além de transmitir conhecimento, atribui a ela a responsabilidade de socialização e de submeter os indivíduos a ritos de passagem, como por exemplo, o vestibular, mas principalmente o papel de educadora e transmissora de valores e formação inicial papel antes atribuído à família.

Esse processo foi paulatino e paralelo ao desenvolvimento do Capitalismo, a expansão do neoliberalismo que acelerou o processo de emancipação da mulher no que diz respeito à sua ascensão crescente ao mercado de trabalho. A mulher no mercado representava também a mãe fora de casa, e principalmente nas sociedades ocidentais onde o papel da formação, educação inicial dos filhos é da mãe, esse papel foi instantaneamente transferido para a escola que além da instrução, passou a ser responsável pela formação integral do indivíduo, desde seus primeiros anos.

A escola atualmente sofre com mazelas sociais graves que repercutem diretamente no seu centro: a evasão escolar, indisciplina dos estudantes, tráfico de drogas, bullying, violência generalizada, má remuneração dos professores, formação insuficiente ou inadequada desses, sucateamento das escolas, etc., São tantos problemas que o quadro por vezes parece irreversível. A função social da escola está sempre colocada em pauta pelos teóricos e isso, no entanto não responde nem resolve essas mazelas visto que a família continua se desarticulando em seu papel de formadora inicial e responsabilizando a escola por um papel que é seu.

Por entender que o homem é um ser social, cognitivo, afetivo e moral por excelência, a escola busca se inter-relacionar com os alunos, vendo-os em suas múltiplas dimensões bem como os respeitando em suas individualidades. Na escola o conhecimento é entendido como o processar de informações que se renovam e são construídas, visando à busca de soluções para os problemas do cotidiano num processo que se integre senso comum e conhecimento científico e se viabilize a prática deste.

Além disso, ele deve ser encarado como elemento indispensável no processo de formação do sujeito, contribuindo para a ampliação do saber, sua competência técnica e inserção no mundo, como cidadão consciente da realidade em que está inserido. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, no artigo 22º: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

Este compromisso coloca a escola como responsável por propiciar condições para que os alunos desenvolvam suas capacidades cognitivas, afetivas, de inserção e de relações interpessoais, afim de que eles possam compreender e superar a realidade, participando ativamente das relações sociais cada vez mais amplas e diversificadas, como um sujeito de direito. Isso, porém não exime a família de trazer para a escola um indivíduo com uma base de educação articulada e que juntamente a escola seja alicerces de sua formação.

Assim, a escola tem a missão de garantir uma efetiva aprendizagem assegurando a permanência dos alunos, para que estes sejam críticos e participativos capazes de agir e transformar a sociedade em que vivem. Ela pretende ser reconhecida como referência de uma instituição educacional que desempenha um excelente trabalho na comunidade realizado com a participação, união e criatividade de toda sua equipe. Porém é na família que se encontra a base para o conhecimento se sedimenta.

De acordo com (Eisenberg & Cols., 1999) o apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social, permite à criança desenvolver repertórios saudáveis para enfrentar as situações cotidianas como, por exemplo, as de ajuste e socialização encontradas na escola. Já para (Booth, Rubin & Rose-Krasnor, 1998) laços afetivos podem dificultar o desenvolvimento, provocando problemas de ajustamento social pois o estresse parental, a insatisfação familiar e a incongruência nas atitudes dos pais em relação à criança geram problemas de ajustamento e dificuldades de interação social.

Ainda de acordo (Volling & Elins, 1998), as figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da autoestima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social. Qualquer que seja a teorização em relação à família é inegável: a sua interferência na vida do indivíduo é inequívoca. Sendo assim, articular uma parceria saudável e produtiva seria a melhor opção para ambos, família e escola no processo educacional.

Considerando que as famílias ultimamente, principalmente nas últimas décadas tem passado por mudanças radicais, essas circunstâncias são observadas na escola, e tem nela por vezes o espaço para o estabelecimento desses conflitos. Uma das questões mais levantadas pelos profissionais da educação é justamente essa omissão dos pais e responsáveis para com a educação dos filhos, deixando para

a escola responsabilidades que não lhe cabem. Falta de tempo ocasionado pelo trabalho excessivo, falta de formação adequada, enfim são as desculpas mais frequentes para disfarçar a transferência da responsabilidade pela educação dos filhos para a escola. Isso perpassa também pela falta de informação sobre os direitos e deveres legais que os pais tem e que recaem sobre eles acerca do envolvimento e participação na vida escolar dos filhos que recai também na questão de punição por abandono intelectual.

Frente a isso cada dia mais torna-se necessário o estabelecimento do diálogo entre a escola e a família. Essa questão parece um tanto utópica e os professores e os gestores das unidades escolares vislumbram uma maior participação dos pais na escola, que seria resultado de uma ação formativa da escola em relação à família. Centrados em uma visão escolarizada do problema, eles não põem em dúvida o lugar construído para e pela escola, em relação às demais instituições sociais, dentre elas e principalmente entre elas, a família.

CAPÍTULO II FAMÍLIA E ESCOLA RELAÇÃO POSSÍVEL E VIÁVEL

O histórico da parceira família/escola é contemporâneo ao surgimento dessa última, mas principalmente evidenciado nos dias atuais, onde ambas em constantes mudanças de paradigmas, necessitam mais do que nunca uma da outra para juntas viabilizarem o processo de ensino. Nesse capítulo será tratado onde começa essa parceria e a possibilidade de ambas, cada uma dentro de seus papéis e especificidades, porém dentro de objetivos comuns, trilharem paralelas no desenvolvimento e promoção da educação.

2.1. A busca de uma relação dialógica

Atualmente o histórico dessa parceria uma das questões discutidas por pesquisadores e/ou gestores dos sistemas e unidades de ensino em quase todo o mundo. Isso é corroborado pela quantidade expressiva de pesquisas e publicações especializadas sobre o assunto, e, por outro, pela preocupação manifestada nos em todas as esferas da educação nacional e internacional.

De acordo com Perrenoud (1987:7), “de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”. Essa relação que poderia ocorrer de forma harmoniosa acaba causando por vezes embates por conta da responsabilização que uma atribui a outra ao ato de educar. A prática pedagógica dos professores e gestores da escola põem em evidência um fato: a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores (estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, etc).

A partir dos anos 80, com o redimensionamento dado à educação a partir do construtivismo, apoiando-se numa abordagem sócio interacionista e embasada especialmente na teoria do desenvolvimento humano, escrita nos anos 20 e início dos anos 30 pelo soviético e psicólogo Vygotsky, a tendência sócio interacionista aposta na mediação, na construção conjunta do conhecimento destacando a necessidade de desenvolver a autonomia, a reflexão e a criticidade, priorizando a transformação

social. Essa teoria ao valorizar o afetivo para o desenvolvimento do cognitivo chama a atenção para o papel primordial da construção familiar para o desenvolvimento da criança e posteriormente para o equilíbrio do adulto.

Na visão interacionista a chave para a construção do conhecimento é a interação social. O acesso ao saber deve ser garantido a todos, favorecendo as dificuldades que possibilita a troca, uma vez que o ser humano é um ser social, constituindo-se como sujeito por intermédio da linguagem. Ele faz parte do processo sócio histórico e é visto como alguém que interage com o meio para a construção do conhecimento que, ocorre na ação recíproca e interativa.

Dessa forma o conhecimento de aprendizagem ganha novo significado: ele passa a ser construído em estreita relação com os contextos em que são utilizados, sendo impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais que estão presentes no processo. A cada dia o papel da educação como elemento essencial ao desenvolvimento das pessoas e da sociedade é bastante discutido, em função de sua capacidade de oferecer uma prática sistematizada de forma que, atinja o educando durante sua existência.

Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito. (FREIRE, 1997, p. 77)

Neste sentido é papel da escola promover atividades diversas, favorecendo a troca de experiências e o acesso ao saber científico de forma significativa e contribuindo desta maneira com o pleno desenvolvimento do educando. Como importante mediador neste processo, surge a figura do professor que, vivencia um momento especial de reflexão sobre sua prática, na perspectiva de poder atuar com posturas questionadoras, problematizadoras, capazes de ir além do cotidiano. Assim, ele deverá basear sua ação pedagógica nos princípios da ética democrática, dignidade humana, justiça, respeito mútuo, diálogo e solidariedade, atuando como profissional e como cidadão.

Não se trata, então nem de o professor transmitir conhecimentos para os alunos nem apenas mobilizá-los a atender as suas necessidades imediatas, ou seja, esse processo nem é passivo para o aluno nem para o professor, todos atuam ou devem atuar conjuntamente ante o objeto do conhecimento. Em síntese, no processo de

ensino/aprendizagem há uma relação de interação entre o sujeito (aluno em atividade) e os objetos de conhecimento (saber elaborado), direcionado pelo professor que conduz a atividade.

Em decorrência dessa opção, procura oportunizar a professores e alunos experiências significativas, adotando metodologia focada na mediação, com trabalhos em grupos cooperativos em diversos contextos, especialmente no que tange à Pedagogia de projetos, possibilitando a criação de laços temáticos entre disciplinas que permitirão a professores e educandos vivenciarem experiências totalizadoras não só quanto à construção do conhecimento como à experiência de vivência grupal.

Aulas reflexivas com utilização de recursos audiovisuais e procedimentos adequados e pertinentes a uma educação transformadora que priorize as relações afetivas e sociais com o objeto do conhecimento.

Ao assumir este compromisso, torna-se necessário investir-se num processo de formação do ser como todo, em todos os âmbitos da escola, nas seguintes dimensões proposta por Delors (2012):

Aprender a conhecer – capacidade de construir coletivamente seus conhecimentos sobre o mundo.

Aprender a fazer – desenvolvimento de competências que lhe permita enfrentar as diversas situações que o mundo apresenta.

Aprender a conviver- compreensão da importância da vida em grupo, compreensão de si e do outro como dimensão imprescindível da vida em sociedade.

Aprender a ser- possibilidade de descobrir por si próprio a sua capacidade de afirmar-se no mundo como ser consciente, autônomo e único, em seus aspectos físicos, emocionais, cognitivos e espirituais a partir da convivência em grupo.

Para Vygotsky (1978), a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem biológico em ser humano”. É pela aprendizagem nas relações com os outros que construímos os conhecimentos que permitem nosso desenvolvimento mental. Vemos assim que a família e os demais grupos sociais são coautores da construção do indivíduo. É através das experiências adquiridas, do exercício da autonomia e da crítica consciente que nos tornamos cada vez mais capazes de agir, de formar, transformar e ser autor no nosso meio. Portanto, nenhum conhecimento é construído pela pessoa sozinha, mas sim em parceria com as outras, que são os mediadores.

Uma das principais contribuições de Vygotsky(1978) foi ter rejeitado a ideia de que os processos mentais amadurecem natural e progressivamente. Ele propôs um enfoque baseado na visão Marxista de que as mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem também mudanças na natureza humana – na consciência e no comportamento. Também sugeriu que para entender a mente humana, é necessário entender a sua origem em termos culturais e sociais. Vygotsky (1978) fez uso dos padrões do desenvolvimento da mente humana como um meio para entender o comportamento humano.

Ao desenvolver a sua teoria dos processos psicológicos superiores (pensamento, linguagem e comportamento volitivo), Vygotsky rejeitou teorias que procuravam entender a mente humana através da experimentação e reflexologia. Ele afirmou que se alguém pretende entender a mente humana – a consciência – o entendimento precisa ser buscado fora dela e não dentro dela. Para Vygotsky, a consciência individual não está na cabeça do indivíduo, mas nas interações com o ambiente. Assim, enfatizou a importância dos aspectos sociais e culturais da mente humana refletidas na atividade humana. A mente humana, para ele, é expressa pelas ferramentas culturais – signos e palavras – que causam mudanças na atividade, e conseqüentemente na percepção interna da mente. Em Vygotsky, as funções mentais superiores modificam conforme ocorrem as interações sociais e culturais do indivíduo com o ambiente por meio de ferramentas. Esta interação pode ser entendida através da atividade realizada pelo indivíduo com um objetivo determinado.

Partindo deste pressuposto entende-se que a educação escolar é um meio que proporciona a interação do indivíduo com seus semelhantes, visando o desenvolvimento moral, intelectual e seu aprimoramento para atuar no mundo, proporcionando oportunidades desafiadoras que servirão de estímulo físico intelectual, produtivo, crítico e reflexivo, contribuindo de forma digna e responsável para a construção da cidadania.

Mas a escola não pode e nem deve atuar sozinha. Ela precisa da família enquanto base, sustentáculo e parceira para o projeto ser humano. Os pais, os professores, os familiares da criança, o âmbito social que o envolve, os meios de comunicação e, na verdade, tudo aquilo que rodeia a criança e pode exercer sobre ela uma influência. Deve-se pensar sobre educação desde que a criança nasce. É preciso seletividade e escolher para educar, aquilo que realmente é verdadeiro para nós; escolher porque o consideramos bom e bem fundamentado, vislumbrando o

futuro que cada ensinamento daqueles encerra. Construindo no comportamento infantil, buscando a autonomia da criança e valorizando a afetividade que envolve o processo do aprender. Talvez em nenhuma outra época da história a preocupação com a formação e com a criança e com relação dentre família e escola tenha sido tão grande. Pena que isso acontece à custa do caos que se instalou nas relações.

Os pais são os primeiros agentes socializadores e os educadores mais importantes para seus filhos, apesar dessa assertiva, não assumem a maior parte da responsabilidade sobre eles. Ao mesmo tempo em que se incentivam as crianças à autonomia, à livre expressão e à comunicação, no cotidiano elas não podem fazer escolhas, manifestar seus sentimentos e expor suas ideias e desejos. Igualmente, as crianças devem ser educadas para a liberdade e para a democracia, todavia em prol do controle e da disciplina, os limites são impostos de forma inflexível.

As preocupações com a infância abrem novas possibilidades e um novo caminho para repensar as intenções pedagógicas e sociais, no sentido de dar resposta às expectativas infantis, apontando para novas tendências e desafios educacionais. As crianças pequenas precisam dos adultos a fim de que possam ter seus direitos assegurados. A escola, embora tenha efetuado significativas mudanças, ainda não está adequada à realidade. Continua na sua maioria em moldes tradicionais, necessitando reformular a interação entre todos os que dela fazem parte, especialmente, professor e aluno, além de rever seus métodos e técnicas.

O que de fato realmente precisamos é de políticas públicas educacionais, no sentido de promoverem uma efetiva participação dos pais na escola e o preparo de coordenadores e professores formando e informando os pais sobre a importância de acompanhar seus filhos, valorizando o saber. A integração família-escola é um dos mais importantes recursos para melhoria na aprendizagem. Esta parceria deve estar baseada na participação da família na vida escolar do aluno visando a melhoria do processo ensino aprendizagem.

A escola que se pretende atualmente, apoiada em políticas educacionais eficientes, deve ser o resultado da ação integrada de professores, alunos, pais, funcionários, coordenadores e diretor (a) em torno de projetos interdisciplinares e transdisciplinares que visam solucionar de maneira prática as demandas da instituição, e buscam, em última instância, a formação integral dos educandos e a construção de uma escola alicerçada nos valores humanos. Portanto a cooperação e

a solidariedade são pontos fundamentais para a superação dos problemas educacionais.

Ainda de acordo com Faria Filho (1999), no Brasil, ao longo do século XIX, a instituição escolar vai lenta, mas inexoravelmente, se fortalecendo como o lócus fundamental e privilegiado de formação das novas gerações, estando diretamente relacionado a este fato a expansão da escolarização, o processo de profissionalização do magistério primário, dentre outros fatores (Faria Filho, 1999). Neste processo, ela desloca como já foi observado por diversos autores (Alvares-Uria e Varela, 1991; Vicent, 1994), outras instituições (família, igreja, etc.) de seus lugares tradicionais de socialização, considerando as, na maioria das vezes, incapazes de bem educar diante de uma sociedade que se urbaniza e se complexifica, que supõe novas dinâmicas e padrões de comportamento.

Ainda em (Faria Filho, 2000) nas primeiras décadas do século XX, o afastamento da família da escola, se deve em boa parte a instituição da escolarização. Postados no interior de um campo que ganhava cada vez mais especificidade e legitimidade, os professores e outros agentes da educação passam a reclamar do desinteresse dos pais, principalmente das camadas populares, para com a educação dos filhos.

A partir de diagnósticos os mais variados baseados na premissa de que, embora seja fundamental a participação das famílias na educação dos filhos, estas demonstravam, naquele momento, um profundo desinteresse e despreparo para lidar com o assunto, buscava-se projetar e desenvolver ações que visavam reaproximar a família da escola. No seu conjunto, em suas mais diversas elaborações, estas ações mostram uma intenção colonizadora da escola em relação à família, entendida esta tarefa como um momento fundamental da ação reformista da escola em face da realidade social mais ampla.

Tanto a família quanto a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Por isso estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, conseqüentemente, nos padrões de colaboração entre eles. Nesse sentido, é importante observar como a escola e, especificamente, os professores empregam as experiências que os alunos têm em casa. Assim, é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as

experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis a escolarização.

Mostrar isso às famílias é tarefa dos educadores. Para tanto, é preciso um trabalho de conquista. Só que é impossível haver aproximação quando só são marcados encontros para falar de problemas. Isso pode causar antipatia e repulsa. O bom relacionamento deve começar na matrícula e se estender a todos os momentos. É exatamente o que tem sido pedido nas escolas aos responsáveis pelos estudantes de todos os níveis de ensino, que se aproximem e que vejam seu filho além da sala de estar ou do quarto de dormir.

É na escola que os jovens vão construir a identidade e seu projeto de vida, tarefa nada fácil fica para eles planejarem o futuro. Participar de reuniões e se informar sobre o processo de ensino/aprendizagem continua sendo fundamental, mas é hora dos responsáveis ficarem atentos às mudanças de comportamento e comunicarem a escola. Esta, por sua vez, deve promover atividades recreativas que possam ser praticadas ou apreciadas conjuntamente, como jogos, shows de músicas, teatro, etc. O importante é que os familiares se engajem totalmente, os mais comprometidos, ainda que seja minoria, tem capacidade de influenciar o restante da comunidade e mudar a escola; E essa mudança pode ser o segredo do sucesso para uma relação duradoura e com final feliz.

Entende-se assim que é também função da escola educar os próprios pais para a paternidade e a maternidade; uma vez que as gerações atuais demonstram essa carência no entendimento desses papéis. A escola só conseguirá realizar a sua função quando preencher essa função de educadora familiar e quando houver o entrosamento dos pais com a escola e com a comunidade.

2.2. O caso das multisseriadas

De acordo com Bragança (2010) a (LDB) Lei de Diretrizes e Bases Nacional, de 1996, estabelece que ao ofertar a educação básica para a população rural, os sistemas promovam as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região. Ocorre, que, de parte dos governos houve pouco investimento e em consequência, pouco progresso no sentido de estabelecer políticas e práticas efetivas para educação no meio rural brasileiro. A educação rural, que está sendo desenvolvida, tem ignorado às necessidades dos sujeitos sociais que vivem no campo, ao negar ou subordinar os aprendizados da experiência, da cultura e do

trabalho. Estes sujeitos precisam de oportunidades de educação com qualidade, com currículo que problematize e não negligencie sua realidade e o seu trabalho e com educadores preparados para a realidade que se apresenta.

Na zona rural o impacto sofrido com as mudanças no mundo e na educação chega de forma mais lenta e por vezes de maneira mais peculiar, pelas próprias especificidades das famílias em relação ao meio, ao ambiente, à formação, ao contato com o mundo, Se por um lado a residência em zonas afastadas dos centros e sem os estímulos visuais, como internet, por exemplo, acusados de estarem afastando as famílias, propicia uma maior proximidade e interação familiar, por outro distancia o acesso ao conhecimento no mesmo nível que os dos centros urbanos e a própria falta de formação dos pais são também motivo de dificuldade na participação e acompanhamento dos filhos na escola.

Nesse sentido, essa pesquisa é fruto da inquietação nascida a partir da minha prática e observação enquanto professora da zona rural, buscando detectar os reais motivos que interferem o distanciamento e a falta de participação da família da zona rural no convívio com a escola. Se nos grandes centros há uma transferência de responsabilidades, por falta de tempo, por inversão dos papéis, pela feminização do trabalho que põe muitas mães distantes dos lares na maior parte do tempo, pelo abandono das famílias por parte dos homens, na zona rural onde esses acontecimentos não ocorrem na mesma proporção, as dificuldades em conseguir o empenho e participação da família na escola tem sido fato recorrente e constante. Quais seriam os fatores desse distanciamento? Formação dos pais? Auto estima? As classes multisseriadas? A formação e capacitação do professor? Como trazer esses pais para a escola, no sentido de valorizar o ensino rural e participar da vida escolar dos filhos?

Assim, uma pequena incursão na história das classes multisseriadas é necessária. Esse tipo de classe nasceu no contexto da educação do campo como uma solução para levar educação formal aos setores rurais onde, na maioria das vezes, não há número de crianças suficientes para formação de uma turma seriada. Sua implementação não é atual, aliás acontece desde a época dos jesuítas quando, por vezes, as escolas eram formadas pelos filhos de fazendeiros e empregados de diversas e diferentes idades, porém sendo abolida com a expulsão dos jesuítas em 1759, sendo retomado o modelo posteriormente (NEMI, 2009, p. 10).

Atualmente e de acordo com os padrões do sistema educacional estabelecidos pelo (MEC) Ministério da Educação e Cultura, é obrigatório haver uma quantidade significativa de alunos para que se torne possível regulamentar a matrícula de todos perante Lei. Assim, classe multisseriada é uma organização no ensino nas escolas rurais para agregar educando de duas ou mais séries/anos em uma mesma sala, com apenas um professor, historicamente as classes multisseriadas tornaram-se uma estratégia para solucionar o acesso à escolarização de um número reduzido de crianças e jovens presentes no campo.

A própria nomenclatura induz a um pensamento preconceituoso, pois se subentende que ao agrupar alunos de diversas idades e com etapas e desenvolvimentos físicos e mentais diferentes de ensino se torna complexo e difícil tanto para professor quanto para o aluno, o processo de ensino aprendizagem, reduzindo assim as potencialidades de uma educação com qualidade e estereotipando ainda mais a educação no campo.

A escola do campo, onde persiste a classe multisseriada, sempre foi sustentada por políticas compensatórias garantindo, quando muito uma manutenção mínima de incentivos e recursos. O sistema educacional sustentou, muitas vezes, uma escola sem paredes e sem tetos, ocupando as residências dos educadores, os salões paroquiais, os centros comunitários. Sabe-se que o modelo que tem predominado na história brasileira é constituído, quase que em uma totalidade em classes multisseriadas, considerando ainda que a educação do campo sempre esteve em segundo plano, limitando-se ao ensino das primeiras letras.

O Censo escolar 2006 apontou a existência de cerca de 50 mil estabelecimentos de ensino nas áreas rurais com uma organização exclusivamente multisseriada, com matrícula superior a um milhão e estudantes, configurando uma urgente necessidade de apoio técnico e financeiro por parte da união e estado. A precariedade da educação oferecida às populações do campo se apresenta de forma mais visível nas escolas multisseriadas uma vez que estas se constituem nas escolas do campo.

Os problemas sofridos pelo ensino no campo vão reproduzir a defasagem no processo de ensino aprendizagem e por consequência aumentar o distanciamento e o preconceito social e intelectual referente a essa modalidade. Assim organização necessária requer dos poderes públicos acreditarem e apostarem em uma Educação do Campo favorável no desenvolver as competências de uma educação integral do

aluno, respeitando a sua condição de moradia e modo e estilo de vida, visto que apenas isso o distingue dos demais alunos de sua aprendizagem.

A escola rural precisa ser padronizada, ter professores capacitados, formação continuada e materiais pedagógicos de qualidade, evitando assim a visão distorcida de escola rural como sinônimo de atraso, e das classes multisseriadas, como um faz de conta da educação. Fato esse que vai também descambar na reprovação, deficiência de aprendizagem e mesmo evasão escolar. Por isso, entende-se que o falar da multisseriação implica em preconceito por se tratar de uma modalidade estabelecida às zonas rurais e esse é o fator que gera o preconceito social. Isso gera o afastamento também de inúmeros profissionais que, frente a tantas dificuldades, se recusam a trabalhar em escolas do campo e quando o fazem, obrigados pela rede de ensino, não realizam um bom trabalho, pois aliados a todas as dificuldades descritas, vem o preconceito de ser professor da zona rural (considerado quase sempre o menos capacitado), pois se está na zona rural, é porque não é bom professor o suficiente para estar “na rua” ou “na sede”. Então fica lá que ninguém vê.

Essa situação ratifica também a questão da identidade e da baixa autoestima do homem do campo que acaba acreditando que os melhores não estarão lá, por que eles não merecem o melhor. Segundo Comilo,

[...] Muitas vezes o camponês recusa-se a assumir sua identidade, pois, ao longo de sua história, foi considerado como “rude” e inferior. O próprio campo é visto como um espaço inferior à cidade. A consciência de classe passa pela consciência de identidade, que, no caso aqui discutido, é a da cultura camponesa [...]. (COMILO, 2008, p. 21).

As dificuldades na construção da identidade do homem do campo e a forma, por vezes, preconceituosa como ele faz a leitura de sua própria vivência e construções pessoais e sociais, são assim ratificadas pelo descaso com que as políticas públicas direcionam a educação no campo. Perpassa para esse homem a noção de urbanidade como símbolo de desenvolvimento e campesinato como símbolo de atraso, isso se considera não somente as questões práticas e as condições objetivas, mas subjetivaram as relações do homem do campo consigo mesmo e com seu ideário e valoração pessoal.

Nesse sentido essa pesquisa é uma busca de explicitar o que leva a esse distanciamento e participação das famílias camponesas na educação dos filhos e também uma busca do entendimento da identidade da família do campo enquanto

geradora e produtora do Brasil que aí está procurando questioná-la como um fenômeno específico ou se está identificada dentro de um contexto maior. Busca-se também evidenciar aqui a falta de formação continuada do professor e capacitação em serviço enquanto dificuldades inerentes ao bom desenvolvimento do trabalho de letramento (dentro da complexidade de sentido da palavra), as dificuldades físicas e materiais do próprio ambiente da zona rural, e a menos valia dada pelo próprio cidadão a escolarização rural.

2.3. O lugar do professor

Por entender que o conhecimento é construído a partir da internalização dos conceitos aprendidos culturalmente por intermédio da interação com o outro, entendemos que o aluno da zona rural assim como a sua família precisa resgatar esse sentido de auto valoração, redescobrir seu potencial e valorizando seu ambiente. Para tanto a escola rural, o professor rural e a família rural devem trabalhar conjuntamente para criar situações de aprendizagem em que as crianças percebam a riqueza de suas experiências e, que entendam que estudar na zona rural é algo especial, único e que sua situação não é de isolamento, mas que estão inseridas num contexto também problemático que é a educação no Brasil.

É preciso que sejam levantados tanto para pais quanto para os alunos os aspectos positivos desse tipo de vida e de escola, diferente sim, mas nem pior nem melhor que de muitos centros urbanos. À medida que o aluno se desenvolve como ser no meio social onde reside ele passa a interagir consigo, com o outro e com o mundo onde é capaz de intervir no espaço em que vive levando em consideração as diferentes épocas e locais, sendo que o aluno deve perceber as modificações constantes no tempo e espaço identificando suas semelhanças e distinções.

O professor deve trabalhar de acordo com a realidade social do aluno, levando em consideração o espaço onde a criança vive sua cultura local, seus costumes, o tempo vivido e construído, enfatizando os diversos tipos de profissões, moradias, costumes, cultura e economia atuais e antigas relacionando suas semelhanças e diferenças, além de mostrar suas transformações ao longo do tempo e como suas características se fazem presentes atualmente em meio a tantas mudanças que o mundo globalizado e capitalista acaba influenciando ou interferindo na sociedade

direta ou indiretamente. Isso é consciência histórica e não pode nem deve ser vista como um juízo de valor, mas deve ser direcionada no sentido de que o aluno perceba os diferentes momentos, situações, culturas e que nenhuma é melhor ou pior que a outra. Isso é certamente levado para a família e para a comunidade.

Neste sentido, a proposta pedagógica freireana é ainda a que mais se aproxima da realidade vivenciada no campo, pois, requer um educador problematizador. É uma pedagogia do diálogo, da pergunta, do educador politizado, uma vez que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção”. (FREIRE, 2000, p. 52). Paulo Freire traz elementos provocadores e desafiadores reafirmando a educação do campo como possibilidade para desencadear um processo de construção do conhecimento, respeitando as peculiaridades e o compromisso da transformação social. Educadores comprometidos com esta proposta assumem um compromisso de luta com a comunidade na qual estão inseridos, buscando provocar inclusive grandes debates e movimentos que possam levar às alterações na própria legislação e nas políticas para a educação do campo.

Essas mudanças certamente são as forças que propiciarão uma mudança nos paradigmas e nas realidades que afastam a família camponesa do cotidiano escolar. A realidade apresentada (LDB), Lei de Diretrizes e Bases ao trazer a educação para o âmbito escolar, despreza as demais realidades, principalmente por que faz parecer que a educação só acontece na escola, com isto não se respeita nem valoriza todas as demais formas de aprendizagem e educação desenvolvidas fora da escola regular. Saviani (2000, p.163), destaca que existem contradições entre o que aborda a LDB em seu Art. 28, que se refere exclusivamente à educação escolar, sem levar em conta a educação fora da escola, como, por exemplo, a educação que é desenvolvida nas realidades camponesas.

Discutir essa visão é certamente um primeiro passo para alterar esse comportamento de distanciamento e exclusão da família camponesa. Ainda de acordo a Bragança (2010) ao não se valorizar a educação do campo gera-se um sentimento de autodesvalia como uma marca dos oprimidos. Este sentimento que é extremamente perigoso para sujeitos em situação de vulnerabilidade social, resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores (FREIRE, 1987, p.28). Fato é que viver no campo não poderia nem deveria gerar esse sentimento de

baixa estima, visto que viver no campo é o que possibilita a sustentação das cidades.

Entende-se aqui enfim que o papel do educador não é de um expectador, ele exige ação e reação para a superação das contradições encontrados no processo educacional. Cabe ao educador o desafio de cultivar uma postura dialógica e crítica diante do mundo, que os faça (alunos e família) ter compromisso em assumir-se enquanto seres críticos diante de seu mundo. Em relação à educação e ao conhecimento é preciso ter clareza para perceber que devem partir da construção coletiva mediada dialogicamente, que deve articular dialeticamente a experiência da vida prática com a sistematização rigorosa e crítica. O processo de construção do conhecimento implica uma relação dialógica (FREIRE, 1977). Portanto família e escola precisam estar juntas nessa construção.

A escola é um ambiente sociocultural, onde o dinamismo acontece visando resgatar o papel do sujeito que nela atuam. Sendo assim, a relação entre os elementos socializadores, escola/família, devem ser edificadas em um circuito, no qual cada um, à sua maneira, possa dar sua contribuição, na intenção da criança receber apoio e ajuda de ambas instituições para se desenvolver e aprender. Conforme Dayrell (1992, p. 24), a sala de aula é uma grande rede de interações sociais, e, para que essa organização funcione como instrumento de aprendizagem, é muito importante que haja uma boa comunicação entre o professor e os alunos; o professor e pais; alunos e alunos. Além disso, o professor deve ser competente e utilizar a sua habilidade em mobilizar seus próprios conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação, sem deixar de considerar os conhecimentos e valores que estão na pessoa do aluno. O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar. Nesse sentido, autores como Ariés (1981, p 78), Cunha (1996, p. 67), buscaram compreender a dinâmica desses elementos socializadores, (Escola/Família), com destaque para a família como agente socializador, ao enfatizarem que os filhos aprendem valores, sentimentos e expectativas por influencia dos pais. Cada família, e, portanto cada criança, está inserida numa série de contextos sobrepostos, que afetam a interação da família, e afetam todas as outras partes do sistema. Estes contextos incluem a posição econômica geral da família, o grupo étnico ao qual a família pertence e a cultura mais ampla em que isso existe. (VYGOTSKY, 1994, p. 34).

Grande parte do trabalho do professor é facilitada quando o estudante já vem para a escola predisposto para o estudo e quando, em casa, ele dispõe da companhia de alguém que o estimule a esforçar-se ao máximo para aprender. No entanto, o ato de produzir é valia tanto para o aluno, quanto para o professor, e, a necessidade de fazê-lo requer o reconhecimento daquilo que de fato se deseja construir no futuro. Nesse sentido, não precisamos pensar em grandes eventos para compreender onde e como se dá a escolarização, e, em que medida a escola produz e reproduz os sujeitos nas suas diversidades e desigualdades. O mais importante está na nossa consciência, que tem a capacidade para reconhecer e respeitar as diferenças no plano individual e para combater os preconceitos, as discriminações, as ofensivas disparidades e privilégios no plano social. Nesse sentido, através da reflexão individual e visando o coletivo aceitamos ou renegamos a produção/reprodução de quaisquer influências danosas à liberdade. Por tudo isso, nós, professores, devemos estar atentos para sermos capazes de perceber “os duplos”, já que a dicotomia entre discurso e prática é a negação de qualquer possibilidade educativa eficaz.

De acordo com Morin (2002):

Assim, indivíduo/sociedade/espécie são não apenas inseparáveis, mais co-produtores um do outro. Cada um desses termos é, ao mesmo tempo, meio e fim dos outros. Não se pode ignorar nenhum deles e fazer de um só o fim supremo da tríade; esta é em si própria, rotativamente, seu próprio fim. Estes elementos não poderiam, por consequência, ser entendidos como dissociados: qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”. (MORIN, 2002, p.89).

Desse modo, entende-se que alguma mudança será possível diante de uma postura positiva da instituição com relação aos usuários, em especial com os pais e responsáveis pelos estudantes, oferecendo ocasiões de diálogo, de convivência verdadeiramente humana, em suma, de participação na vida da escola. Levar o aluno a querer aprender implica um acordo tanto com educandos, fazendo-os sujeitos, quanto com seus pais, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes quão importante é sua participação e fazendo uma escola pública de acordo com seus interesses de cidadãos. (PARO, 1995, p.96).

E para que isto de fato ocorra é preciso que haja capacidade de construir coletivamente uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, onde existia uma efetiva troca de saberes. A capacidade de

comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para recebermos ideias que podem ser diferentes das nossas. Uma atitude de desinteresse e de preconceitos pode danificar profundamente a relação família/escola e trazer sérios prejuízos para o sucesso escolar e pessoa dos educandos.

Enfim, muitos podem ser os significados da palavra participar. É preciso que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que nós educadores esperamos da participação da família na escola. Para tal, faz-se necessário nos desvestir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporarmos o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido, a falta de participação dos pais na vida escolar de seu filho.

Escola e família têm os mesmo objetivos: criar condições da criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem escolar. Atualmente os pais não tem condições de cumprir a missão educativa e precisam de outros educadores. Mas não há ninguém, nem nada que possa substituir os pais na educação que direciona toda a vida do filho. “(...) a participação da família na educação escolar dos filhos é um dos meios fundamentais para se alcançar a qualidade referente aos resultados educacionais”. (LÓPEZ. 2002: 76-83).

2.4. Família e escola, uma relação de comunidade.

A promoção da articulação entre escola e a comunidade de entorno é uma necessidade fundamental para a educação como um todo. O entendimento de que a escola não é um órgão isolado do contexto em que faz parte, deve estar presente no processo de organização das ações educacionais, que devem ser sempre voltados para as necessidades dessa mesma comunidade.

De acordo com Hora (2013):

Além de se cobrar o conhecimento técnico científico, a compreensão crítica da política educacional e do funcionamento da sociedade a serviço da comunidade escolar, há que estar atento à dimensão educativa das organizações populares em suas relações com a escola, através do conhecimento da movimentação política da comunidade que está inserida. Nesse sentido é preciso compreender as concepções de comunidade e as relações que a escola estabelece com seu contexto social imediato. (HORA , 2013,p.55).

2.4.1 As diversas concepções de comunidade

A ideia de comunidade é um tanto quanto de difícil conceituação para a maioria dos sociólogos. No campo educacional. Tonnies, em seus estudos dos tipos básicos de grupos sociais e seus sistemas de classificação, considera que a comunidade se desenvolve a partir da família e encontra sua expressão mais perfeita na aldeia, embora a pequena cidade também seja uma comunidade, já que pode se caracterizar como confiante, afetiva, íntima, que vive exclusivamente junto. É durável e pode ser comparada a um organismo vivo e sua força coesiva reside na compreensão (consenso), baseada no conhecimento profundo uns dos outros e na homogeneidade das experiências. Não considerando a sociedade “um organismo vivo”, mas como “a teia de relações sociais”, Maciver e Page (1973) encaram a comunidade como “Um grupo, pequeno ou grande, cujos membros vivem juntos e partilham, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum. (Maciver e Page 1973, p. 177)

De acordo com Hora (2013) O que a caracteriza é o fato de alguém poder viver totalmente dentro dela. Sua base é a localidade, representada pela ocupação de uma área territorial fixa da qual derivam os laços de solidariedade e o sentimento de comunidade. Os moradores de um distrito de uma grande cidade, a quem faltam contatos ou interesses comuns para instilar identificação consciente com a área, têm localidade, mas não sentimentos de comunidade, constituindo-se apenas uma vizinhança.

Hans Freyer (1973) afirma que a comunidade não é uma vinculação íntima, próxima e anímica entre os homens e um objetivo expresso que os une, mas deve ser concebida como uma lei estrutural determinada da vida social, de outras ordens sociais, cujos traços essenciais seriam delineados como por um mundo vital, que é essencialmente unidade e que circunda os homens de um horizonte comum, reúne o grupo inteiro num grande “nós”. (1973, p. 134). Assim , pode ser também concebida como um ser de natureza própria que possui o caráter da duração e imperecível, sem dominação (embora haja autoridade). Para ele, a época em que não existia dominação no seio do grupo em convivência é o período que pode denominar-se comunidade, no sentido mais preciso da palavra.

De acordo com Weber (1973), a comunidade é uma relação social que se inspira no sentido subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo. Uma confraria pneumática, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade “nacional”, uma tropa unida por sentimentos de camaradagem, a família (1973, p. 140) ligada à subjetividade, portanto. É o caráter dos sujeitos que a compõem e a dispõem.

Sob o ponto de vista ecológico, Wirth (1973,p.82) afirma que a comunidade é caracterizada por uma base territorial, pela distribuição em espaço de homens, instituições e atividades, pela convivência íntima baseada no parentesco e na interdependência orgânica e pela vida em comum na correspondência mútua de interesses. A comunidade moderna, segundo Wirth, baseia-se num princípio diferente de coesão de seus elementos constitutivos que se pode expressar nos contrastes entre parentesco x território, sentimento x interesse, status x contrato e costume x lei. Hoje a comunidade é capaz de ação coletiva, considerando-se o fato de que conta com tão pouco para manter-se unida. Esse autor, destaca que a base territorial constitui um dos aspectos de toda comunidade.

Uma outra abordagem do estudo da comunidade consiste em concebê-la como uma constelação de instituições, que podem ser estudadas sob o aspecto da localização e distribuição espacial das pessoas. De acordo com Hora (2013) Para Park e Burgess, comunidade é o termo aplicado a sociedades e grupos sociais considerados do ponto de vista da distribuição geográfica dos indivíduos e instituições de que são compostos. Concluem assim que toda comunidade é uma sociedade, mas nem toda sociedade é uma comunidade; e um indivíduo é membro de uma comunidade menos porque nela vive e mais porque participa na vida comum da sociedade. Para Cook,(HORA, 2013) conceito de comunidade possui a influência ecológica, destacando a base territorial, um certo grau de autossuficiência e a capacidade para a ação conjugada

Ainda de acordo com Hora (2013) quando se trata conceituação de comunidade específica no campo educacional, percebe-se uma grande imprecisão. Preston (1971, p 17) afirma que a comunidade é melhor definida para fins pedagógicos, em termos do desenvolvimento da criança, do que em termos sociológicos. Já para Michaelis (1963, p. 226)., a comunidade é o ambiente em que a criança vive e aprende. À medida que a criança amadurece, o conceito de comunidade amplia-se para

compreendê-la como um bairro, depois como a cidade, o estado, uma região, o país e o mundo.

Historicamente a aplicação do conceito de comunidade no Brasil é dúbia e já foi colocada em dúvida, uma vez que tendo sido uma colônia de exploração dotada de terras abundantes, o povoamento brasileiro se diluiu pela grande extensão territorial, tornando grupos autônomos: a fazenda e a estância. Sendo a fazenda uma empresa, cuja função dominante é a economia, não lhe cabe, a não ser em raros casos, o enquadramento como comunidade, mas, sim, como vizinhança. Entretanto, em muitos pontos do país, a vizinhança está se transformando em comunidade, chegando até ao processo próximo de sua superação, provocado pela expansão da sociedade de massas nas grandes metrópoles.

O crescimento populacional, as migrações, o grande número de deslocamento da população dentro da própria metrópole, a especialização das funções, a diversidade de interesses, a transformação de bairros tradicionais, de vida pacata, em locais de passagem, a diminuição dos pontos de encontro onde eram constantes as conversas, nas esquinas e nas calçadas, o recolhimento das pessoas aos seus apartamentos onde se expõem aos meios de comunicação de massa constituem aspectos das transformações que se estão processando. Com elas, quebram-se os laços prendem o sempre apressado morador à área em que vivem e se esvai o sentimento comunitário. (HORA,2013,p.58)

Ainda assim, mesmo parecendo contraditório ao mesmo tempo, muitos grupos procuram retomar essas características, no sentido de alinhar interesses comuns aos indivíduos de uma determinada área geográfica e desenvolver ações que possibilitem o atendimento às suas necessidades. Todos esses aspectos dificultam a aplicação do termo comunidade à sociedade brasileira, especialmente se esse conceito implicar um sentimento nosso, no conhecimento mútuo entre os habitantes e outras características de comunidade.

No que se refere à área escolar, isto é, à extensão geográfica circundante de onde provêm os alunos e que constitui a região a que a escola presta seus serviços, optando pela acepção ecológica do conceito de comunidade: um grupo territorial natural no conjunto de suas relações com meio geográficos e das condições de vida social, o contexto social mais imediato onde a escola está inserida como um instituição a ele pertencente. Parece que esse é o conceito que mais se aproxima da análise que se segue da situação em questão associando aqui a esse conceito a concepção de comunidade como unidade de juízo que implica afinidades de cultura.

No Brasil, onde coexistem vários modelos dentro de uma educação cheia ainda de ranços da herança colonial a escola, em muitos casos, até mesmo um corpo estranho ao seu contexto social imediato. No caso da educação rural esse contexto se torna ainda mais grave. O modelo transplantado dos centros urbanos não se adéqua a realidade do campo e nada, porém, de funcional, de enraizado na realidade da população do campo.

CAPÍTULO 3. O PERCURSO DA PESQUISA

3.1. Um breve relato da trajetória profissional e pessoal

Iniciei a carreira como educadora de o início de março em 1986, antes já lidava com criança na escolinha da igreja e também não tive infância desde aos 7 até os 13 tomava conta dos meus irmãos e da minha prima, que tinha muitos filhos. Até aos dezesseis, fui representante de livros e disco da igreja para me manter além de trabalhar na casa de irmão da igreja por troca de moradia.

Comecei atuar na sala de aula apenas com as séries iniciais 4 série, na 5° série desistir por que meu pai não comprou os materiais escolares e só entrava com o uniforme do colégio. Fui trabalhar para me manter, convivi com minha avó e ajudava nos afazeres da casa e da lavoura. Ela me entregou a casa no campo com uma pequena escola para que eu ensinasse e ao mesmo tempo cuidasse do meu avô, fui logo aceita pela comunidade e fiz o curso da Logos. O Projeto Logos foi implantado em alguns estados do Brasil, com objetivo de formar professores leigos em regime emergencial, com habilitação em segundo grau para exercício do magistério. O Logos II trabalhava com sistema modular, tinha um plano de atividades diversificado e flexível, no qual o aluno estabelecia seu próprio ritmo de aprendizagem sendo que os encontros com o orientador de ensino eram mensais, quando aconteciam também as aplicações de testes. No meu caso, se passasse eu ensinaria. Passei mas como não tinha mais de 18 anos para continuar, fiquei exercendo a profissão como leiga.

Naquela época os educadores eram representantes da comunidade, nos éramos chamados para exercer curso de preparo para agentes de saúde, e ai além de educador fazia-se trabalho comunitário com o apoio dos médicos. Uma dessas funções era encaminhar pessoas para o ser atendidas, curativos, injeções, além de socorrer, enfim, representá-los da região. Por ser professora leiga minha carteira foi assinada como auxiliar de ensino, mas exercia serviços gerais, sendo inscrita no concurso público municipal, passei e fui convocada.

Com o passar do tempo a exigência da formação do magistério, começando a estudar com perseguição de parentes por morar com meu avô e doenças renais faltei duas avaliações da matéria matemática e historia e da educação faltando concluir

estas matérias. Com muito sacrifício fui a Secretária de Educação do Estado e o Conselho de Educação me encaminhou para que pagasse estas matérias em Valença.

Concluindo, de imediato me inscrevi no curso de Pedagogia. Com muito sacrifício e problemas de saúde, mas consegui concluir. O curso de Pedagogia foi gratificante, pois as realidades dos diversos alunos na sala de aula e a relação Escola e Família, foram esclarecidas, entendendo o significado real das dificuldades de aprendizagem. Após a conclusão desse curso, enxergava os alunos com outros olhos tentava compreendê-los em diversos acontecimentos no dia a dia. No início da minha carreira não entendia o significado do histórico do aluno, eles não frequentavam os dias correto então eu diminuía de série até que a secretária descobriu foi um problema grande para arrumar a vida escolar de alguns deles, se entendeu e definiu que matriculando em dois municípios fosse resolver, aproveitando a oportunidade assim o fiz.

Por fazer parte da comunidade na divisa do município me escrevi no concurso de Ibirapitanga em 1994, comecei a prestar serviço um turno em cada um deles. Cada um com exigências diferentes que às vezes, torna-se difícil conciliar a participação em cursos, eventos e reuniões destes municípios. Os cursos feitos por mim até então, tanto licenciatura como a pós-graduação não obtive nenhuma bolsa ou patrocínio dos governantes. Tudo que fiz sempre com esforço do meu trabalho e a ajuda e permissão do grandioso Deus, que nos dá força pra prosseguir e condição para exercer esta jornada. Além dos entraves, há ainda que lidar com questões políticas tão comuns no interior como perseguição, descontos sem justificativa, exigência sem necessidade, acarretando o dia a dia na sala de aula forçando a realizar atividades totalmente por fora da nossa realidade, dos alunos, das famílias e até mesmo da comunidade.

Com a ajuda de colegas, embora cansada da rotina do dia a dia e problemas familiares e problemas de saúde ingressei ainda que de forma resistente nesse curso. Animei-me com a proposta e a cada dia que passa, e experiência em sala de aula, reuniões em curso, tudo me faz questionar que a busca de qualidade na educação só terá validade se a educação for desvinculada da política partidária, que só compromete o bom andamento do trabalho. Esta experiência, ainda que não tenha sido concluída totalmente tem valido o esforço de fazer uma educação melhor e mais humanizada no campo.

3.2. Conceituando a Metodologia

É através da metodologia que ocorre o contato entre conhecimento e a análise crítica, possibilitando a ampliação do saber, posicionando-o no plano científico. A metodologia não aponta soluções, mas indica o caminho, através da pesquisa para encontrá-las pois oferece suporte à pesquisa científica uma vez que oferece as diretrizes para a mesma. A metodologia consiste aqui na explicação de todos os procedimentos que se supõem necessários para a execução da pesquisa, entre os quais, destacam-se: o método, ou seja, a explicação da opção pela metodologia e do delineamento do estudo, amostra, procedimentos para a coleta de dados, bem como, o plano para a análise de dados.

A fim de investigar a participação dos pais e responsáveis na escola e discutir a influência da participação da família no ambiente escolar e assim referenciar a possibilidade dessa parceria, foi feita inicialmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, foram levantados dados descritivos e bibliográficos a respeito da temática a seguir uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva a partir da observação do ambiente, dos comportamentos e através da entrevista aos sujeitos participantes.

De acordo com Gil (1991) a pesquisa exploratória possibilita uma melhor compreensão da realidade pois concede a oportunidade de integração com o contexto a ser pesquisado. Ainda sobre a pesquisa exploratória esta pesquisa não requer a formulação de hipóteses para serem testadas, ela se restringe por definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, portanto ela seria um passo inicial para o projeto de pesquisa. A pesquisa exploratória é recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p.61).

Quanto a pesquisa descritiva para Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), este tipo de pesquisa ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, p. 79, 2007). Segundo Barros e Lehfeld (2000, p.71) por meio de pesquisas descritivas, procura-se descobrir com que frequência um fenômeno ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações e conexões com outros fenômenos. De acordo com Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.62), esta modalidade de pesquisa pode assumir diversas formas, entre elas os

estudos descritivos que estuda e descreve características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada.

A abordagem utilizada é qualitativa que segundo (GIL, 2010; TELLES, 2002) É o método de pesquisa que foca o modo como indivíduos e grupos de indivíduos vêem e entendem o mundo ou uma parte específica dele, e como constroem significado e conhecimento. Esse tipo de abordagem é utilizado para avaliar resultados individuais dos participantes de um programa, serviço ou atividade também para responder a questões sobre como, o quê e por quê. Além disso é utilizado para avaliar a dinâmica interna de processos e atividades, para obter uma descrição global e destacar as nuances de um programa ou serviço, para avaliar atividades cujos objetivos são gerais e pouco específicos, quando se quer personalizar o processo de avaliação, quando a coleta de dados quantitativos é tão rotineira que não se presta mais atenção ao significado expresso por eles e quando o objeto a ser avaliado possui diferenças de gênero.

3.3 O universo da pesquisa

A realidade em questão trata-se da Escola Municipal Amália Ramos de Almeida, pertencente à zona rural do município de Ibirapitanga. A escola fica situada região da água Potável... a cerca de 40 ...km da sede. A região possui cerca de 22.610 de população segundo o Censo de 2010. A escola é uma das 50 escolas da zona rural do município, possui 13 alunos entre 08 e 12 anos, funciona no turno matutino e com uma professora e um auxiliar de serviços gerais. A escola dividida em duas salas com infantil e primeiro anos e outra sala de segundo ao quarto ano Funciona em condições precárias sem água adequada, banheiro precisando de reformas e com problemas de acesso por conta da estrada.

3.4 O sujeito da pesquisa

São os pais e responsáveis dos alunos, totalizando. 13 indivíduos entre homens e mulheres, entre 30 e 50 anos.

3.5 Instrumentos da coleta

Além do questionário, foi utilizada sistematicamente a observação dos pais em reuniões dirigidas.

3.6 Análise dos dados

A análise de dados aqui proposta é da Análise de Conteúdo dentro dos moldes propostos por Laurence Bardin (1977). Esse método constitui-se em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos e foi sistematizado na primeira metade do século XX, sendo mais tarde amplamente utilizado na investigação científica. Esse método, é compreendido como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento. A metodologia escolhida para esta pesquisa, na abordagem do tema proposto, é a pesquisa qualitativa, visto que o estudo qualitativo se dá numa situação natural, rico em dados descritivos, plano aberto e flexível, focalizando a realidade de forma contextualizada e completa. Como cita LÜDKE (1986, p.1):“Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidencias, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

Segundo Bardin (1977, p 21), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferência de conhecimentos relativos a condições de produção/ recepção destas mensagens.

Assim, este estudo foi realizado a partir do método de Análise do Conteúdo, oferecendo-nos uma margem de flexibilidade de execução capaz de favorecer diferentes abordagens filosóficas na essência de seus conteúdos. E é nessa perspectiva que abordamos tal método para discussão dos resultados no nosso trabalho. As informações foram analisadas a partir dessa aproximação na perspectiva de alcançar os objetivos propostos no início dessa pesquisa. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos escolhidos para nortear esta pesquisa são fruto dos seguintes questionamentos: O baixo nível de escolaridade dos pais e responsáveis da zona rural é fator de empecilho para um maior envolvimento com a escola e melhor

acompanhamento dos filhos? A família da zona rural sente-se excluída do processo educacional do filho? As atividades propostas na escola servem para engajar essas famílias ao cotidiano escolar? Que visão esses pais têm da escola? Que situações poderiam estimular uma maior participação da família ao cotidiano escolar.

Na análise do conteúdo considera-se também o não falar do participante pesquisado, por isso em relação aos conteúdos manifestos (explícitos), é dele que se deve partir (tal como se manifesta) e não falar “através dele”, num exercício de mera projeção subjetiva, da mesma maneira é importante que os resultados da análise de conteúdo devam refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos no conteúdo das comunicações.

Por entender que nem sempre aquilo que se está escrito é o que verdadeiramente o locutor queria dizer, ou mesmo, que existe uma mensagem nas entrelinhas que não está muito clara, pois bem, chegamos a encruzilhada, onde nem sempre os significados são expressos com clareza absoluta, ou onde acaba a objetividade e começa o simbólico. Assim, para o investigador qualitativo, esse momento, é muito importante por que aqui há que se considerar a subjetividade humana e os dados serão analisados levando-se em consideração os significados atribuídos pelo sujeito de pesquisa ainda mais nesse caso proveniente da zona rural.

Foram entregues 13 questionários com 20 questões semiestruturadas aos pais e responsáveis pelos alunos. Desse total apenas sete retornou o questionário respondido no tempo hábil solicitado, um período de 15 dias.

Caracterização do informante

Tabela 1

1 – Escolaridade –	Sem Formação III	Ens. Fundamental III	Ens. Médio I
--------------------	---------------------	-------------------------	-----------------

Nesse item três pais afirmam não ter formação nem ter passado por nenhum processo de escolarização. Três pais concluíram o Ensino Fundamental e apenas 1 responsável concluiu o Ensino Médio. Sabe-se infelizmente que essa é a realidade da zona rural no Brasil. Por conta da necessidade de trabalhar precocemente e por conta do trabalho pesado na roça, muitos até ingressam na escola, mas a maioria vai deixando pelo caminho. Ainda com a escola situada na comunidade muitos se deixam vencer pelo cansaço e não suportam um terceiro turno dessa vez com os estudos.

Tabela 2 - Profissão

Ent. 1	Ent 2	Ent.3	Ent..4	Ent 5	Ent. 6	Ent. 7
Doméstica	Doméstica	Doméstica	Trabalhador rural	Jardineiro	Atendente de classe	Esteticista

Encontramos entre esses pais uma esteticista, com ensino médio completo, um jardineiro, um que trabalho diretamente na lavoura e os demais como trabalhadores domésticos. Percebe-se aqui a presença da mulher como maioria, sendo 5 dos entrevistados do sexo feminino e apenas 2 do sexo masculino. A mãe também na zona rural ainda é o papel central e referencial na educação e cuidado dos filhos.

Tabela 3

3- Tempo de trabalho no setor	Não informado IIII	Menos de 5 anos Nenhum	Entre 5 e 10 anos I	Mais de 10 anos II
-------------------------------	-----------------------	---------------------------	------------------------	-----------------------

Nesse item os que não informaram o tempo de trabalho no setor são justamente os que trabalham há muito tempo nos afazeres domésticos. Os demais, apenas um entre 5 e 10 anos e outro dois mais de 10 anos de trabalho no setor.

Tabela 4

4- Acerca da importância da escola na própria vida	Importante IIIIII	Sem importância	Não sabe
--	----------------------	-----------------	----------

Apesar de a maioria não ter tido acesso no tempo considerado por eles como o hábil para a escolarização, todos consideram a escola como de total importância na vida e todos se referem a ela como essencial na vida do ser humano. Essa questão remete ao fator desigualdade social maquiada por vezes por projetos de escolarização tais como o (EJA) Educação de Jovens e Adultos direcionados aos jovens oriundos de classes populares em sua maioria, no limite da pobreza e analfabetismo funcional, vítimas de uma educação compensatória específica e direcionada para os estigmatizados e obliterada socialmente seja por defasagem série/idade, seja por reprovação, evasão, enfim, todos vítimas de uma situação social que mascara o estigma da vulnerabilidade social e da importância das construções coletivas, dando

espaço ao surgimento de identidades múltiplas, fragilizadas, inconstantes e instáveis, gerando assim uma ideia de seletividade natural, escondendo a verdadeira razão do problema.

A cidadania é usurpada aqui sob ideologias de acessibilidade social e educacional, que só demonstram a deficiência do sistema educacional brasileiro.

Tabela 5

5– Acerca da importância da escola na vida da criança.	Importante IIIIIIII	Sem importância	Não sabe
--	------------------------	-----------------	----------

Todos foram unânimes em evidenciar a importância da escola para vida dos filhos e o discurso subjacente é sempre o de que querem uma vida diferente para os filhos, que não sejam trabalhadores rurais, e de que só com o estudo se consegue algo na vida.

Tabela 6

6– Sobre a qualidade do ensino na zona rural.	Bom IIII	Regular	Ótimo I	Excelente I	Ruim
---	-------------	---------	------------	----------------	------

Convidados a explicar a resposta, apenas o entrevistado 6, afirma que pode melhorar mais a educação. O ensino da zona rural sempre foi motivo de debates em todos os níveis, seja nos debates educacionais, filosóficos ou políticos, mesmo por que falar de multisseriação já remete a segregação.

O termo multisseriado traz implícita a marginalização do indivíduo, quando sugere as *diferenças* desse a serem tratadas no currículo específico. Alerta também que sob a fala da contextualização, corre-se o risco de generalizar ou de simplificar demais o conhecimento e que esse notadamente é um fator de negação e acesso ao conhecimento.

De acordo com Coelho (2008) há a necessidade da construção sim de um currículo específico, mas não tão simplificado, nem tão distante do real, mas um currículo que explore as potencialidades do estudante rural, do jovem trabalhador liberando-o do estigma social a que parece condenado.

7– Questionados acerca da possibilidade de tirar os filhos da zona rural por conta das diversas dificuldades encontradas, respostas foram as seguintes.

Entrevistado 1- Não. Por que não é mais perigo para as crianças

Entrevistado 2 - Sim. Por que é diferente

Entrevistado 3 - Sim. Por que das novidades

Entrevistado 4 - Não.

Entrevistado 5 - Sim por que eles teriam mais informações e mais condições de estudo.

Entrevistado 6- Sim. Por ter mais oportunidade de aprendizado

Entrevistado 7 - Não porque estou satisfeita com a qualidade de ensino na zona rural.

A última reforma do ensino fundamental e médio insiste na necessidade de abertura da escola à comunidade. Desta forma, determina o estímulo ao entrosamento e à intercomplementaridade dos estabelecimentos de ensino entre si ou com outras instituições sociais numa mesma localidade. Além disso, amplia o papel da escola como agente de profissionalização, estabelecendo os objetivos de sondagem e iniciação para o trabalho no ensino fundamental, e habilitação profissional no ensino médio, para a parte de formação especial do currículo. Oferece, ainda, flexibilidade para os currículos atenderem às peculiaridades locais e manda que a formação profissional se faça de acordo com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional e em cooperação com as empresas.

Logicamente na zona rural esse aspectos ficam comprometidos pela questão da acessibilidade, mas percebe-se com a resposta de alguns pais acima que a aceitação do ensino da zona rural pelos entrevistados é visto atualmente com melhores perspectivas e mais respeito que em certos tempos atrás. Ainda percebe-se em alguns a ideia de que oportunidade de aprendizado se tem fora da localidade, mas em uma menor proporção que anteriormente quando o ensino rural é visto de forma mais preconceituosa pelos próprios moradores que integravam essa visão com os moradores da cidade e ainda haviam que lidar com o preconceito desses para com sua origem.

De acordo com a disposição da lei o que precisa haver é uma ligação entre os estabelecimentos de ensino, um diálogo entre sede e zona rural para que as oportunidades apresentadas ao aluno da cidade sejam estendidas ao aluno do campo que tem histórias e experiências de vida tão interessantes e tão passíveis de respeito e consideração quanto os da zona urbana.

Tabela 7

Acerca da relação com o professor/escola.	Bom IIII	Regular -	Ótimo III	Excelente -	Ruim -
---	-------------	-----------	--------------	----------------	--------

A relação entre família e escola pode ser delimitada pela relação desses com o professor da turma. Assim, interrogados acerca da qualidade dessa relação às respostas variaram entre bom e ótimo. A princípio a visão positivas dessa respostas, gratificam pela certeza do esforço reconhecido em termos de trabalho, mas aqui há que se considerar também que os pais realmente podem não querer se indispor e nem causar contratempos por medo de retaliação aos filhos. Infelizmente essa ideia de professor que persegue, que aprova ou reprova ainda é comum na mentalidade dos pais.

8– Acerca do acompanhamento do andamento da vida escolar dos filhos.

Sim - IIIIIII

Não – nenhum

De modo geral afirmam que acompanham reuniões e ajudam nas tarefas escolares e visitando à escola. Enquanto educadores percebemos que a maioria dos obstáculos na aprendizagem tem sua origem no campo afetivo familiar. Por vezes, a agressividade, as relações turbulentas e violentas, ou mesmo a ausência e indiferença dos pais, repercutem nos filhos como falta de estímulos, dificuldades de atenção, concentração ou mesmo o inverso, indisciplina e hiperatividade. O baixo rendimento é mais um desses tantos problemas ocasionados pela ausência de atenção.

Para o professor, a ausência dos pais em reuniões ou eventos, a falta de acompanhamento é um desafio a ser vencido pois repercute diretamente no rendimento. De acordo com Tiba (2002):

Percebe-se que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais ausentes frequentemente vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva que os impossibilitam de obter recursos internos para lidar com situações adversas. (TIBA,2002,p.36)

Assim, a escola pode e deve interferir nessa situação, tanto mobilizando os pais para participarem da vida escolar dos seus filhos quanto oferecendo aos alunos

aprendizagens relevantes e significativas que possibilitem uma ligação entre os conhecimentos que já possuem e a aquisição de novos.

8– Acerca da participação nos eventos da escola.

Sim – IIIII

Não –

Um não respondeu

Conforme explicitado na questão anterior os pais afirmam participar do dia-a-dia das reuniões, eventos e todas as necessidades da escola para os quais são convocados e ainda que não sejam ,sempre acompanham e comparecem.

8– Acerca do conhecimento da missão e valores da escola contida no PPP.

Sim – IIII

Não – III

Quatro pais tem conhecimento e três não embora afirmem que a importância do PPP é através dele as diretoras são respeitadas.

8– Sobre considerar a escola um espaço democrático

Sim – IIII

Não – I

Não respondeu – I

“Informantes responderam justificando: “porque nós reivindicamos nossos direitos”; “ por que as tomadas de decisões.

8– acerca da competência e acessibilidade da professora.

Sim – IIIII

Não respondeu - I

8– Quanto a organização e fiscalização dos pais da comunidade para com as atividades da escola.

Sim – IIIIIII

Não –

8– Sobre a frequência das reuniões escolares

Sim – III

Não – IIII

A maioria afirma não frequentar as reuniões habitualmente. Isso se torna um peso para todo o processo que fica somente a cargo do professor. Os pais geralmente aparecem quando os problemas mais graves ocorrem e a atitude é sempre de culpar a escola e o professor por tudo

8– Acerca da frequência e o acompanhamento da SME

Sim – IIIII

Não – I

Os pais consideram a Secretaria Municipal de Educação presente na escola, embora em outras questões critiquem a atuação por vezes ineficiente quanto ao atendimento das demandas.

8– Acerca do que considera que precisaria melhorar na escola.

Entrevistado 1 – Limpar a beira da escola, a estrada da escola, a cantina etc.

Entrevistado 2 – Limpeza e tratamento

Entrevistado 3 – Melhorar a merenda

Entrevistado 4 – Tudo

Entrevistado 5 – Mais educação e aprendizado para as crianças e seus pais.

Entrevistado 6 – Trazer para a sala de aula professores formados em Educação Física por ser uma matéria prática e que ajuda na saúde de todos.

Entrevistado 7 – Na minha opinião, melhorar as estradas, a água, dividir as turmas e ter zeladora.

Quando se trata em apontar os problemas, eles vão surgindo e mostrando as reais dificuldades do ensino da zona rural. Estradas talvez seja o ponto crucial e irresoluto de toda a educação rural no Brasil e no mundo. Por estarem sujeitas as questões de tempo, em alguns locais mais graves que outros, da condição das estradas depende a qualidade de vida de boa parte da população brasileira. Condições de funcionamento tais como presença de ajudante para limpeza e cuidados da escola é outra carência existente e já bem arraigada nos hábitos das Secretarias Municipais de Educação que deixam todo o trabalho da escola rural por conta do professor que tem que ser um verdadeiro faz tudo desde limpeza a merenda e ainda lidar com as exigências de qualidade total como visto acima, quando os pais se queixam da qualidade da merenda da água (não existe água encanada nas comunidades) e da limpeza da área.

Quando falam que estão presentes frequentemente na escola (questões 9,10 e 19), os pais não atentam que participar é também ajudar nas necessidades. Deixar por conta de a Secretaria resolver não atende as necessidades imediatas e não resolvem situações urgentes. É preciso que haja aqui a participação real, verdadeira e não somente para os eventos e festividades.

8– Acerca do aprendizado do aluno, considera:

Tabela 8

Aprendizado	Bom – II	Regular	Ótimo – III	Excelente – I	Ruim
-------------	----------	---------	----------------	------------------	------

A escola brasileira se estruturou historicamente, de modo a não cumprir as funções relacionadas com a preparação para a vida, tendo em vista as diferentes condições locais. Com isso, o seu posicionamento no elenco de instituições sociais é muito inferior ao que poderia sê-lo.

De acordo com(Fernandes, 1960, p. 195):

Em conjunto, as escolas não são instituições organizadas para servir às comunidades, em interação construtivas com seus centros de interesses e de atividades; elas visam, ao contrário, desenvolver aptidões e um estado de espírito que dá ao brasileiro letrado a comunicação de que ele não está à margem da “civilização” e do “progresso”. (Fernandes, 1960, p. 195)

Nessa situação, as escolas se limitam às funções universais da educação sistemática, como o ensino das técnicas de ler, escrever e contar, assim, tornam-se elementos resistentes às mudanças processadas no seu meio social. O ensino da zona rural ainda é considerado precário por conta de ao mesmo tempo que é submetido às experimentações de programas e projetos, não está no rol das prioridades das políticas públicas educacionais , assim como as necessidades do campo não são olhadas com atenção no país.

Cabe aqui ressaltar que toda mudança perpassa no âmbito político, mas a partir do momento em que a população prejudicada eleve sua voz e reivindique seus direitos de cidadão e mais cidadão igual ao morador da zona urbana, com especificidades, diversidades relacionadas a questões espaciais e geográficas, mas iguais em direito e cidadania.

8– Considera que participa o suficiente da participação do filho.

Sim – IIIIII

Não – Nenhum

Entrevistado 1 – Um pouco porque não sou formada.

Entrevistado 2 – Não respondeu.

Entrevistado 3 – Estou freqüente no dia a dia.

Entrevistado 4 – Não respondeu

Entrevistado 5 – Participo da melhor maneira possível ajudando meus filhos nas atividades, conversando.

Entrevistado 6 – Participo da melhor maneira possível ajudando meus filhos nas tarefas.

Entrevistado 7 – Presente sempre no dia a dia da escola.

Alguns não responderam a questão, e uma atribuiu a falta de formação a sua pouca participação. Os demais dizem estará presente na rotina. De modo geral o que se observa é que algumas famílias vêm se omitindo a essa questão. Eles simplesmente terceirizam os filhos como se fosse um serviço a ser feito por outros. Pais e mães vem se desobrigando da formação integral do individuo (afetiva, religiosa, ética, sexual, moral) e a escola a quem já cabia a formação científica toma mais esse encargo. Simples assim para alguns: é obrigação da escola.

20- Acerca de como poderia ajudar mais e atuar com a escola para a formação do seu filho.

Entrevistado 1 – Ajudando a ler e escrever.

Entrevistado 2- Participar dos acontecimentos que ajudam no aprendizado.

Entrevistado 3 – Estudar e ajudar no aprendizado.

Entrevistado 4 – Acompanhar na leitura.

Entrevistado 5 – Mais espaço e ajudando no comportamento do meu filho

Entrevistado 6 – Ensinando em casa, revisando as atividades, sempre em parceria com a professora.

Entrevistado 7- Ajudando nas atividades e incentivando na escola.

A questão anterior é ainda mais ratificada aqui, quando a maioria apesar de colocar como ajuda apenas as questões de aprendizado (ler, escrever, estudar), no dia a dia em suas ações colocam de forma como se coubesse a escola um papel de extensão de casa e de educadora primeira. Na verdade, só a percepção que nos moldes atuais de sociedade e de mundo, nenhuma das duas poderá desempenhar um papel sozinha, mas que a família não pode abster-se de suas obrigações e funções é que fará a educação caminhar.

A atual geração requer uma escola cada dia mais atenta com o mundo e pais cada dia mais presentes no dia a dia dos filhos. O que concluímos com essa pesquisa é que por ser uma escola pequena, e a comunidade também muito próxima, a presença e atuação da família poderia ser mais consistente e presente. A frequência dos pais pode ser melhorada e a mim enquanto educadora, resta o trabalho de pesquisar e antever estratégias para que essa aproximação ocorra de imediato. Família e escola precisam estar juntas, na promoção do individuo, na promoção da

comunidade. É a parceria que poderá fazer a diferença no contexto da educação do campo para que a realidade seja mudada e transformada positivamente e que mais que rapidamente hajam políticas públicas e de direitos garantidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela qualidade de ensino é finalidade e caminho da ação pedagógica. Essa jornada inclui a parceria da família e escola e isso considerando a ambas no contexto de comunidade. Durante anos o desafio dessa articulação tem sido a tônica dos discursos educacionais que entendem que não pode haver um desvinculo entre as três, pois se o indivíduo é aluno, é filho, é cidadão ao mesmo tempo. Sendo assim a tarefa de ensinar não compete apenas à escola por que a experiência primeira vem da família e da comunidade de entorno.

A preocupação com a situação do ensino rural remete à Pedagogia da Escola Nova, de inspiração deweyana, que já pregava a regionalização da escola e a luta pela criação de uma verdadeira escola rural, ajustada às necessidades do seu ambiente. A importância do tema, sugere diversas direções de investigação. A legislação em nenhum momento define o que considera comunidade, deixando um vácuo do ponto de vista da concretização na periferia do sistema de ensino, daquilo que é planejado no seu centro, mas que acaba permitindo a opção por um conceito que melhor representa as concepções educacionais de cada grupo. Com isso a educação no campo é prejudicada por que não é em essência respeitada em sua diversidade. Não que não haja programas, ou projetos, mas por que eles não dão conta em termos de abrangência das peculiaridades do campo. Atualmente se fala em gestão democrática de educação. Entende-se aqui que essa só é possível quando a articulação entre os setores da sociedade se associa a escola pela busca da efetivação da qualidade do ensino. Dentre os setores, nenhum é tão primário, básico e essencial quanto a família.

A família é o primeiro contexto e todo agrupamento social só é possível a partir dela. O indivíduo se relaciona com o conhecimento através do olhar da família. Sua experiência de vida primária é que vai repercutir na sua vida escolar, comunitária e social. Quando a família se esquia dessa missão p resultado pé desajuste em todas as esferas da vida do indivíduo por conta do desajuste emocional que a omissão parental lhe submete. Talvez nenhuma herança seja mais potente na vida do indivíduo quanto a herança negativa da atenção negada.

Percebeu-se nessa pesquisa, que mesmo diante das peculiaridades da região e da escola analisadas, o nível de satisfação da comunidade é bom e a aceitação do

trabalho realizado é também boa. Existe uma tentativa de oportunizar a participação e maior integração entre as famílias, principalmente daquelas que mais se esquivam disso, ou por conta do cansaço da rotina de trabalho ou mesmo por omissão e desinteresse.

As falhas observadas como, por exemplo, o desconhecimento da maioria do Projeto Político Pedagógico da Escola serviu para que se reafirmasse a necessidade de intensificar as propostas de convocar a uma maior participação e contribuições sejam elas de críticas, observações, sugestões, para que as próprias prerrogativas do Projeto, em sua missão e valores, sejam alcançadas e que a participação da família não seja apenas uma meta burocrática, mas uma realidade na escola. De um modo geral entendemos que a avaliação dos pais e responsáveis acerca do trabalho foi bastante positiva. A visão que a maioria tem da educação que é prestada no campo denota respeito conseguido ao longo de muitos anos de trabalho árduo e constante.

Em muitas regiões, a escola é a única ou uma das poucas entidades organizadas, o que permite ser ela transformada em centro de melhoramento comunitário. Em muitos momentos, a escola tem sido utilizada por outras instituições com este objetivo e ela mesma, em outros casos, partindo de determinados posicionamentos ante a educação e sua responsabilidade social, tem buscado um relacionamento maior com seu contexto imediato, em que passa a desempenhar novas funções. A articulação da escola com seu contexto social imediato é absolutamente necessários para que se obtenha uma resposta imediata no produto de todo processo que é o ser humano autônomo, crítico, responsável, e sujeito de sua história.

Se entendermos que o mundo que vamos deixar para nossos filhos depende muito dos filhos que deixamos nesse e para esse mundo, nos posicionamos assim como ativos no processo educacional e não pacientes desse. Educação se faz no dia a dia, na conjunção família, escola e comunidade. Percebe-se assim que a população hoje apesar de mais consciente dessa responsabilidade também de certa forma tem uma participação tímida ou sem maior compromisso numa clara delegação e transferência de responsabilidade.

Esse é um discurso antigo na educação e que infelizmente apesar de todas as vozes que clamam pela relação dialógica entre família -escola -comunidade, parece entrar no vácuo se analisados em valores de grande escala. Resta crer que as possibilidades estão nas micro comunidades e quem sabe a rearticulação no campo

repercuta nos grandes centros e que a responsabilização ocorra de forma articulada, que os pais não desistam de seus filhos e se comprometam com a escola.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, N.W. **Diagnóstico e Tratamiento de las Relaciones Familiares**. Hormé, Buenos Aires, Argentina, 1974.
- ANDRADE, Leda de Alencar Araripe. **A família e suas heranças ocultas**. Fortaleza, 2010.
- BRAGANÇA, Sabrina Zientarski de. Paulo Freire: **A Educação do Campo precisa de Você**. Disponível em <http://www.partes.com.br/educacao/educacaodocampo.asp>. 2010. Acesso em 12/09/2015.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em: 11 agosto. 2015.
- CAMPOS, H. R., & Francischini, R. (2003). **Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano**. *Psicologia em Estudo*, 8(11), 119-129.
- Coelho, Maria Helena de Matos **Identidades e formação nos percursos de vida de jovens e adultos trabalhadores: desafios do PROEJA**.
- COMILO, Maria Edi da Silva. **A construção coletiva da escola: a Escola Chico Mendes esua História**. In: ANGHINONI, Celso; MARTINS, Fernando José (Org.). **Educação do campo e formação continuada de professores**. Porto Alegre; Campo Mourão: EST Edições; FECILCAM, 2008.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

DESSEN, M. A., & Braz, M. P. **As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança**. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Orgs.), **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras** (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança**. 23. ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1979.

_____. **Política e Educação**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

LDB: 9394/96-BRASIL. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm consulta dia 12/ 10/2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª. Ed. São Paulo. Atlas, 1991.

MARTÍN, Eugenio Garrido (1996) **Psicologia do encontro**: J.L. Moreno. São Paulo: Editora Ágora

NEMI, Ana Lúcia Lana. **Ensino de história e experiências: O tempo vivido**: volume único: livro do professor/ Diego Luiz Escanhuela, João Carlos Martins. São Paulo: FTD, 2009.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes : Petrópolis, 1996.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

TÁVORA, M. T. **Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação**. PSICO 34(1), 23-38.2003.

VOLLING, B. L., & ELINS, J. (1998). Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development*, 69(6), 1640-1656.

VYGOTSKY, LS (1978). **Interação entre aprendizagem e desenvolvimento** (M. Lopez-Morillas, Trans.). Em M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, e E. Souberman (Eds.), *Mente na sociedade: O desenvolvimento de processos psicológicos superiores* (pp. 79-91). Cambridge, MA: Harvard University Press

ANEXOS

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Prezado (a) Sra. Secretária:

Sou aluno (a) do curso de pós-graduação strictu sensu na Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Adilton Mendes da Silva que visa discutir o papel da família na educação do aluno na zona rural, detectando os principais entraves para a realização do trabalho escolar no campo e identificando o perfil dos pais e responsáveis da escola referenciada e suas dificuldades em envolvimento com a escola. Sua participação envolve a autorização para a realização da pesquisa que por sua vez envolve o preenchimento de um questionário e a realização de reunião dirigida com as famílias. A participação nesse estudo é voluntária e nenhuma família será obrigada ou coagida a participar Na publicação dos resultados desta pesquisa, as identidades dos mesmos serão mantidas no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificar os participantes. Ressalto em tempo que a pesquisa contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisadora Joeme, fone (73) 99962452 Ou pela entidade responsável – Comitê de Ética da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales.

Atenciosamente

 Nome e assinatura do(a) estudante Matrícula: _____

Local e data

 Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)

Autorizo a realização deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de autorização. _____

Nome e assinatura da Secretária de Educação _____

Local e data

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Sou aluno (a) do curso de pós-graduação strictu sensu na Facultad Interamericana de Ciencias Sociales . Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professor Adilton Mendes da Silva que visa discutir o papel da família na educação do aluno na zona rural, detectando os principais entraves para a realização do trabalho escolar no campo e identificando o perfil dos pais e responsáveis da escola referenciada e suas dificuldades em envolvimento com a escola. Sua participação envolve o preenchimento de um questionário. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisadora Joeme, fone (73)9996 2452 Ou pela entidade responsável – Comitê de Ética da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales.

Atenciosamente

 Nome e assinatura do(a) estudante Matrícula: _____

Local e data

 Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

 Nome e assinatura do participante _____

Local e data

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prezado(a). Colaborador (a) – Pai ou Responsável,

Sou mestranda em Educação e estou fazendo uma pesquisa que tem como título: DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE DA PARCERIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Com este questionário pretendo levantar os dados para a elucidação das questões de minha pesquisa que visa discutir de que forma família e escola se articulam para que ocorra uma educação de qualidade e onde haja equilíbrio e harmonia no desenvolvimento integral do aluno. Desde já, agradeço a colaboração e me comprometo com o sigilo das informações.

SUJEITO PESQUISADO/RELAÇÃO COM O ALUNO _____

Questionário

1- Escolaridade:

Sem formação. () Ens. Fundamental () Ens. Médio. () Ensino Superior ()

2- Área de formação/atuação profissional: _____

3- Tempo de trabalho no setor

Menos de 5 anos () 5 a 10 anos. () Mais de 10 anos. ()

4- Qual o valor da escola para sua vida?

() Importante () Sem importância () Não sabe

5- Qual o valor da escola para a vida de seu filho?

() Importante () Sem importância () Não sabe

6- Como você percebe o ensino na zona rural? Explique.

() Bom () Regular () Ótimo () Excelente () Ruim

7- Se tivesse condições tiraria da escola rural e colocaria na sede? Por que?

() Sim () Não

8- Como é seu relacionamento com a escola/ professor?

() Bom () Regular () Ótimo () Excelente () Ruim

9- Acompanha o andamento de seu filho na escola?() Sim () Não

De que forma? _____

10- Participa das atividades e eventos da escola?() Sim () Não

11- Já ouviu falar em Projeto Político Pedagógico? A missão e os valores da escola?(
) Sim () Não

12- Considera a escola um espaço democrático? () Sim () Não

Justifique.

13- Considera a professora competente e acessível?() Sim () Não

14- Existe uma organização e fiscalização dos pais da comunidade para com as atividades da escola? () Sim () Não

15- Existem reuniões escolares frequentes? () Sim () Não

16- Existe um acompanhamento frequente por parte da Secretaria Municipal de Educação? () Sim () Não

17- O que você considera que precisaria melhorar na escola?

18- Em relação ao aprendizado de seu filho, como considera?

() Bom () Regular () Ótimo () Excelente () Ruim

19- Você considera que participa o suficiente na formação do seu filho? Explique.

() Sim Não ()

20- De que forma poderia ajudar e atuar mais juntamente com a escola para a formação de seu filho? _____

Obrigada pela colaboração!